

TRABALHO, APOSENTADORIA E ENLUTAMENTO: NOVOS RUMOS E RECOMEÇOS

MARLIZE CARVALHO OLIVEIRA GOMES

Brasília
2023

MARLIZE CARVALHO OLIVEIRA GOMES

TRABALHO, APOSENTADORIA E ENLUTAMENTO: NOVOS RUMOS E RECOMEÇOS

Monografia apresentada ao curso de Psicologia, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Daniela Borges.

Brasília
2023

MARLIZE CARVALHO OLIVEIRA GOMES

TRABALHO, APOSENTADORIA E ENLUTAMENTO: NOVOS RUMOS E RECOMEÇOS

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da
Educação e Saúde para obtenção do grau de bacharel
em Psicologia.

Brasília, _____ de _____ de 2023.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Daniela Borges Lima de Souza
Orientadora

Profa. Lívia Campos e Silva

Profa. Eliane Gosendo

Dedico este trabalho aos amores da minha vida, Marco Aurélio e Boi, pela companhia e incentivo constantes no decorrer da elaboração deste trabalho. Dedico também a todos aqueles que vieram antes de mim e oportunizaram que esse trabalho tomasse forma.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu forças, coragem, paciência, perseverança e que por meio de sua bondade infinita, tem me capacitado.

A minha mãe Marluce Carvalho e ao meu pai do coração Newton Flávio por me oportunizar a realização dos meus sonhos e pelo apoio incondicional. A minha irmã Mariel por se solidarizar com o momento de produção deste trabalho e me fornecer um apoio extra. Ao meu amorção Marco Aurélio que foi meu ponto de equilíbrio durante algumas tempestades. Ao meu pai Delcides que mesmo de longe, sempre deseja meu sucesso.

A professora Daniela Borges, que aceitou o desafio de me orientar, agradeço por todo acolhimento (que foram muitos), por toda a paciência, ensinamentos, trocas e principalmente por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. Agradeço por me ensinar que “nem todo término é um fim” e me conduzir ao encerramento deste ciclo. Posso dizer com toda a segurança que sem a companhia e orientação da senhora eu não estaria aqui agora, mais uma vez aos prantos, só que agora de alegria e de alívio. Me faltam palavras para agradecer e expressar todo apreço e admiração que tenho pela senhora. Peço a Deus que agora como psicóloga eu consiga me espelhar em sua trajetória.

A professora Milena Oliveira que me orientou durante a contra ênfase em Psicologia Escolar e foi minha professora tão dedicada e querida na matéria de Psicologia do Desenvolvimento - Vida Adulta e Envelhecimento.

A Greice Cerqueira que foi a professora de uma das matérias mais desafiadoras durante minha trajetória acadêmica, Dinâmica de Grupo e Relações Humanas, e que com toda sua dedicação, firmeza, acolhimento e maestria, fizeram com que eu me apaixonasse pelos processos grupais.

A professora Livia Campos que foi responsável pelo meu primeiro contato com a matéria de Psicanálise, que hoje é parte do meu referencial teórico. Agradeço também por ter aceitado fazer parte do processo de elaboração deste trabalho como parecerista.

A professora Polyanna Andrade por ter apresentado o que é a Psicologia Organizacional de um jeito único e que deixou saudades no decorrer da graduação e da ênfase em POT.

Aos amigos que fiz durante a graduação, em especial minhas PsicoAmigas, minha amiga mais dedicada e companheira Taisa Ruana, a Júlia Abadio que ganharam meu coração junto com a Psicologia Escolar. Aos amigos que fiz durante a ênfase em organizacional: Beatriz Reis, Leticia Stefany, Keliane Veiga, Lucas Vasconcelos, Sofia Pacheco e minha parceira de perrengue e estágio Rebeca Teles, sem vocês a caminhada não teria sido possível e nem tão prazerosa, obrigada por terem deixado o conhecimento menos deprimente.

Aos meus amigos de vida, que de alguma maneira contribuíram para que eu estivesse onde estou e que compreenderam (ou não) todas as minhas ausências, crises e surtos durante esses muitos anos.

Aos meus avós Doce Ribeiro (*in memoriam*), Luzia de Oliveira, Libório Eurípedes (*in memoriam*) e em especial Marli Eunice que me motivou a compreender os processos que levam os sujeitos a continuarem trabalhando mesmo após a aposentadoria.

A minha prima Ana Luzia por todo o *botox* para evitar as rugas que foram surgindo ao longo desses anos e por todo companheirismo de uma vida toda.

Ao amigo Léo por ter colocado três monstros (Boi, Muv e Bazuca) em minha vida e por todo apoio incondicional.

Aos participantes que se dispuseram a discutir abertamente acerca de questões tão mobilizadoras.

A todos os citados ou lembrados durante a escrita desse agradecimento, obrigada. Esse trabalho é tão meu quanto é de vocês!

“A gente nasce. A gente cresce. A gente estuda, trabalha, arranja um emprego. Ganha grana. Vai ao supermercado. Tosta toda a grana na comida. Chega em casa e faz comida. Come tudo. E tudo vira [...]”.

Rita Lee (2003)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a investigação acerca dos fenômenos do processo de Enlutamento perpassado pela Aposentadoria, assim como as reverberações na vida do sujeito que vivencia esses processos. Compreendendo a partir da Psicologia Organizacional do Trabalho e da Análise do Discurso com embasamento Psicanalítico a relação do sujeito com o desejo e o laço social, assim como o prazer e o sofrimento provenientes de relações trabalhistas e por fim, os sentidos e significados do trabalho na aposentadoria. Em termos metodológicos, a pesquisa qualitativa realizou-se com o objetivo de compreender como o sujeito em situação de aposentadoria vivencia e lida com seus sentimentos. Foram feitos encontros com 4 participantes que estão aposentados ou em processo de aposentadoria, fazendo uso de entrevistas em profundidade semiestruturadas. Nos resultados obtidos e destrinchados, percebeu-se a centralidade do trabalho na trajetória de vida dos sujeitos; observou-se a variedade nos sentidos e significados que cada participante atribui ao trabalho, aposentadoria e ao envelhecimento; e compreendeu a forma com que o sofrimento decorrente da aposentadoria perpassa as fases do processo de enlutamento. Em síntese, o sofrimento proveniente do enlutamento acontece em algum nível e de diferentes maneiras dentro do processo de aposentadoria.

Palavras-chave: enlutamento; luto; trabalho; aposentadoria; envelhecimento; psicanálise; psicodinâmica do trabalho; análise do discurso.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the phenomena of the Mourning process permeated by Retirement, as well as the reverberations in the life of the subject who experiences these processes. Understanding from the Organizational Psychology of Work and Discourse Analysis with a Psychoanalytical foundation, the subject's relationship with the desire and the social bond, as well as the pleasure and suffering arising from labor relations and, finally, the senses and meanings of work in the retirement. In methodological terms, the qualitative research was carried out with the objective of understanding how the subject in a retirement situation experiences and deals with his feelings. Meetings were held with 4 participants who are retired or in the process of retirement, using semi-structured in-depth interviews. In the results obtained and unraveled, it was noticed the centrality of work in the life trajectory of the subjects; there was a variety of senses and meanings that each participant attributes to work, retirement and aging; and understood the way in which the suffering resulting from retirement pervades the stages of the grieving process. In summary, the suffering resulting from bereavement happens at some level and in different ways within the retirement process.

Keywords: mourning; grief; work; retirement; aging; psychoanalysis; psychodynamics of work; speech analysis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA	14
3. OBJETIVOS.....	15
3.1 Geral.....	15
3.2 Específicos	15
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
4.1 Sujeito, Desejo e Laço Social.....	16
4.2 Prazer e Sofrimento nas Relações de Trabalho.....	19
4.3 Sentidos e Significados do Trabalho na Aposentadoria.....	24
5. MÉTODO.....	31
5.1 Classificação	31
5.2 Participantes	32
5.3 Local.....	33
5.4 Instrumentos	33
5.5 Procedimentos de coleta	34
5.6 Procedimentos de análise.....	35
6. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40
6.1 Trajetória de Vida e Profissional	40
6.2 Envelhecimento e Aposentadoria	48
6.3 O Processo de Enlutamento	65
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
ANEXOS.....	77
Anexo A - TCLE.....	77
Anexo B - Roteiro de Entrevista Semiestruturado	80

1. INTRODUÇÃO

O Enlutamento pode ser entendido como um processo e uma experiência universal vivida por todos os indivíduos em algum momento de suas vidas. Entretanto, essa experiência é muito potente e, por isso, muitas vezes desencadeia sensação de impotência e assombro. O enlutamento remete a polêmicas, dentre as quais está o questionamento sobre o significado que se dá à vida, que passa a ser repensada e, em certos casos, tanto a identidade pessoal, quanto a identidade social do indivíduo que experiencia o luto e se transforma.

Essa reverberação intensa é esperada, pode-se apresentar em maior ou menor intensidade e ao contrário do que se pensam, o luto não se trata apenas sobre a morte do corpo físico de um ente querido, mas também sobre a perda de um animal de estimação, de um objeto de desejo, um emprego, relacionamento, um ideal e até mesmo quando se vivencia transições como a passagem do trabalho para o não trabalho, como é o caso do ato de se aposentar, temática central desse estudo.

Casellato (2015) resgata o fato de ser a morte e o enlutamento, para muitos e, em algumas sociedades, um assunto tabu e destaca a necessidade de existir espaços sociais para que o sujeito viva seus lutos, sejam eles quais forem. Alerta ainda que a sociedade atual resiste em criar espaços para isso e muitas vezes classifica a vivência do luto como um problema. A autora ressalta ainda, que o sofrimento do luto pode ser mais intenso quando existe o receio da manifestação desse sentimento, uma vez que, manejar a impotência perante o luto é um desafio.

Dall'Agnese (2022), caracteriza o luto como processo agregador de sentimentos como ansiedade, tristeza, medo, desânimo, raiva, culpa, dificuldades para dormir e acordar, para se concentrar, desinteresse por afazeres cotidianos, choro sem motivo aparente e repentino, alterações alimentares, insegurança, fixação de pensamento sobre o fato acontecido. Esses sentimentos podem ser agravados, sentidos como intoleráveis, gerando, ainda mais sofrimento e mal-estar na pessoa enlutada. Como esse processo é individual e singular, somente quem vivencia esse momento pode dizer como se sente, e o quanto dói, já que cada indivíduo reage de uma maneira diferente ao luto, por ser uma experiência pessoal e não existir um passo-a-passo que oriente a maneira correta de lidar com tais sentimentos.

Elizabeth Kubler-Ross (1926-2004) citada por Netto (2015), autora que é grande referência conhecida no entendimento do processo elaborativo do luto, apresenta as cinco fases vividas durante

o enlutamento: negação, raiva, negociação/barganha, depressão e, por fim, aceitação. Cabe dizer que, na maioria dos casos, o enlutado irá passar por todas essas fases nesta ordem e com suas peculiaridades próprias.

Nos últimos anos, mais especificamente no início do ano de 2020, o mundo se deparou com a pandemia da COVID-19, e viver o luto passou a ser uma realidade para muitos, uma experiência coletiva. No mundo, só pelo coronavírus, aproximadamente 6,55 milhões de mortes, e no Brasil 686 mil pessoas foram vitimadas, tais números não levam em consideração óbitos por outras causas, mas sim pelo Coronavírus (CORONAVÍRUS, 2020). O processo de luto é tão forte que algumas pessoas podem viver “dores da saudade” e é normal encontrar casos nos quais o paciente desenvolva dores pelo corpo, mesmo que não tenha passado por trauma algum; por exemplo, mesmo não tendo nada físico com o braço, a dor que o sujeito sente, é real.

Em termos neuro funcionais, pode-se dizer que o principal sistema acionado é o sistema límbico sendo ele também responsável pelas emoções. Logo, pode-se concluir que, diante da perda, o sistema psicológico pode levar o sujeito a sentir dores físicas, que não possuem origem orgânica ou biológica. A médica pontua ainda que o que se sente nesses casos não irá passar com remédios para dor, uma vez que é um processo psicológico, e, nessas situações, o indicado é acompanhamento psicológico para tratar as “dores da saudade”.

Kessler (2020) analisou que, durante a crise pandêmica da COVID-19, as pessoas começaram a viver diferentes tipos de lutos, começaram a sentir que o mundo estava em transformação, e que mesmo diante de uma situação temporária, o sentimento que prevaleceu foi que as situações, depois disso tudo ficariam diferentes. Ao relembrar o acontecimento de 11 de setembro ressaltou que, depois do atentado, as idas aos aeroportos nunca mais foram as mesmas, além disso prospecta que, como consequência, a sensação de normalidade se perdeu, bem como o medo do estrago econômico decorrente da crise e da perda de conexão com o outro e consigo.

Kessler (2020) destaca ainda que existem diversos tipos de luto: o luto antecipado, que é um sentimento de incerteza quanto ao futuro, normalmente centrado na morte; existe o luto antecipado, advindo de um futuro imaginado, como por exemplo, se tem uma tempestade vindo ou algo ruim “lá fora”. Assim como o vírus, esse tipo de enlutamento é de difícil compreensão. A mente humana sabe que algo ruim está prestes a acontecer, mas não se pode ver o que é. Tal situação destrói a sensação de segurança. É discutido ainda que o momento atual tem propiciado repensar a sensação de

segurança uma vez que o senso geral de segurança, nesse momento de incertezas, está se perdendo em um nível coletivo, vivenciando o enlutamento tanto em níveis micro quanto macro.

No que diz respeito ao processo de envelhecimento e aposentadoria, existe um processo semelhante ao de enlutamento, tal como apresentado, enlutamento esse que pode ser entendido como um luto não reconhecido. O processo de envelhecimento não encontra na sociedade um local concreto, com forte ancoragem simbólica para que se possa ganhar expressão e validação de eventuais perdas de habilidades, ocupações trabalhistas, sonhos e papéis sociais. Acontece uma perda de autonomia e independência que irão permear o ciclo vital da velhice, e esse momento é um luto, mesmo que a sociedade não respeite e acolha por ser um momento “esperado” no curso de vida. Esse momento elucubra reflexões acerca da vivência desse sujeito, o que ele viveu até o presente dia, o que ainda deseja vivenciar, assim como as nuances e incertezas acerca desse momento. Esse hiato, onde a maioria coloca sua perspectiva em balanço, refletindo sobre tudo que já se realizou, suas escolhas e o entendimento de que “o fim” se aproxima, transpassa o envelhecer e motiva o luto.

Para muitos, o trabalho representa um lugar central na formação da sua identidade, logo, quando se “perde” o trabalho, ou no caso da aposentadoria, quando o sujeito chega nesse momento no qual precisa se desligar desse trabalho, é compreensível que o mesmo experimente diversas emoções.

Aposentar é encerrar um ciclo de carreira e de vida produtiva, romper vínculos, gera perda de *status*, e leva ao questionamento do seu propósito da vida. Essas consequências do se aposentar podem levar o indivíduo ao isolamento, torná-lo introspectivo, sentindo-se inadequado ou dependente, resultando em sentimentos como pesar, aflição, apreensão, constrangimento, descontentamento, irritação, ira, inconformismo, hesitação e acanhamento, ou ainda mesmo, processos protetivos de negação e fuga. Dado isso, pode-se inferir que a vida laboral é um fenômeno central e inevitável para o sujeito – onde se nasce, se desenvolve e se sucumbe, inseridos dentro das organizações de trabalho. Os seres humanos se organizam e se identificam em prol do trabalho.

A maioria das situações laborais requerem esforços físicos e intelectuais, sendo determinadas situações, mais que outras. A presunção da aposentadoria como desocupação ou ociosidade reforça os limites intrínsecos da evolução corpórea e biológica. A diminuição do tônus muscular, da flexibilidade e agilidade, além da resistência corporal que por vezes estão ligadas ao envelhecimento, pode ser consequência da ausência de atividades físicas em outros momentos da vida. O mesmo acontece com as possibilidades de rendimento e desempenho que se atrela à disposição do sujeito de

ampliar seus horizontes, seus repertórios dentro das suas capacidades e limitações. Essas situações podem significar que o indivíduo necessite fazer um redirecionamento da vida, reavaliando o que quer ser, o que ainda quer ter e fazer (ZANELLI, SILVA & SOARES, 2009).

Schein (1983), pontua que a idealização acerca do tempo que o sujeito tem ao se aposentar está relacionada a ociosidade e passividade. Um eterno não ter nada para fazer, logo, o “direito de aproveitar a vida” é ligado ao da inutilidade, evidenciando toda positividade que é colocada no ato de trabalhar. Na contemporaneidade, se tem cada vez mais a ideia do descanso, ou até mesmo de se tirar folga, é inconcebível – a sociedade espera que os sujeitos dela participantes, estejam ocupados todo o tempo. Zanelli, Silva e Soares (2009) trazem que dentre os sinônimos possíveis de serem encontrados atrelados ao termo “aposentar”, se depara com o “se pôr a parte, de lado”. Entende-se então que tudo aquilo que não mais possui serventia ou que não tem mais utilidade é colocado de lado. Outro sinônimo que os autores apresentaram é o “recolher-se aos aposentos”, trazendo novamente a sensação de retirada e de isolamento.

Zanelli, Silva e Soares (2009), trazem ainda uma associação das representações da sociedade dos aposentados com a dos elefantes ao ficarem idosos, os mesmos se retiram do bando ou quando não saem por conta própria são abandonados pelos mesmos, o abandono faz com que seus dentes caiam, não comam e acabem por definhando até a morte. Logo, a categoria em que enquadram os sujeitos aposentados é chamada nos meios legais de inativa, o que remete a estar sem atividade, não ter ação, ser ineficaz, ineficiente, inútil, inoperante, improdutivo, imprestável, impotente, inservível e: morto.

Essa situação vai em sentido oposto ao esperado pela essência do viver (mobilidade e movimento). A mensagem da sociedade para esses sujeitos é clara: se você não trabalha, não tem serventia, não é importante para “nós”. Diante o exposto, pode-se quase observar a olho nu uma barreira que se levanta dificultando a inserção desses sujeitos em atividades vistas como “úteis”, levando esses sujeitos a serviência para as atividades “banais”, ou seja, sem valor perante a sociedade útil.

Aranha (2003), contribui trazendo que quando uma relação laboral se rompe, irá produzir um impacto considerável na vida do sujeito, e que o ato de se aposentar vai além da simples interrupção de uma carreira, indo desde rotinas laborais que permaneceram por anos, rompimento de vínculos e mudança nos hábitos diários irão provocar mudanças nas esferas pessoais e sociais desse sujeito. Esse sujeito ao se deparar com relações laborais onde ele pode se apropriar do processo de criação, se sentirá reconhecido e desenvolvendo a autonomia e a um espírito de cidadão, se humanizando por

intermédio do seu trabalho. Porém, se esse mesmo sujeito se depara com uma situação de mecanização do trabalho humano, não levando em consideração sua contribuição e sua real participação, o mesmo iniciará um processo de coisificação, se sentindo desacreditado, apático, um agente laboral de “segunda categoria”. Em suma, o trabalho como sendo uma prática desenvolvida perpassada pelas relações humanas, se molda como um determinante primordial na construção da identidade privada, profissional e social do sujeito, influenciando também, na autoestima e no entendimento de dignidade.

2. JUSTIFICATIVA

A pesquisadora foi motivada a estudar o tema por ter vivenciado em seu contexto de trabalho, situações em que trabalhadores se deparavam diante da aposentadoria e se sentiam perdidos e em alguns casos, entrando em situações de sofrimento e desespero. Para ela, a aposentadoria ainda é algo distante, entretanto, com suas vivências e interesse pelo tema de saúde e trabalho, acredita que o tema seja de grande valia.

A aposentadoria, portanto, é um tema que se apresenta de maneira direta e indireta, motiva reflexões acerca das mudanças transitórias, reversíveis e irreversíveis. Em função disso, formou-se o interesse em produzir academicamente questões que já eram pontos de interesse e elucubração em sua vida privada.

No que diz respeito a perspectiva acadêmica, a definição do tema baseou-se na contemporaneidade da discussão acerca da articulação entre sofrimento, enlutamento e aposentadoria, área em que inúmeros fenômenos podem ser observados. Já a escolha teórica da psicanálise e da psicodinâmica do trabalho, como constructos teóricos e fundamentos metodológicos, apresentam-se como um potente fio condutor para as discussões referentes às experiências dos sujeitos em situação de aposentadoria. A revisão bibliográfica aconteceu nos meses de agosto e setembro de 2022, por intermédio da plataforma Google Acadêmico para o levantamento das referências teóricas, fazendo a busca por palavras-chave: Psicologia Organizacional do Trabalho; Psicanálise; Psicodinâmica do Trabalho; Trabalho; Aposentadoria; Luto; Enlutamento; Sofrimento Psíquico. Os materiais selecionados foram aqueles que o título e o resumo se relacionavam com o objetivo geral do presente trabalho.

A partir dos expostos, o presente trabalho se faz necessário por se tratar de um assunto atual e de extrema relevância para promover o debate interdisciplinar para a academia, além de ser um tema de saúde pública sobre envelhecimento e aposentadoria, assim como para as organizações que trazem impasses e conflitos sociais diretos com possíveis efeitos para profissionais de psicologia e a sociedade.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

Compreender os possíveis processos de enlutamento decorrentes das relações de trabalho em pessoas em vias de se aposentar ou recém aposentadas.

3.2 Específicos

- Compreender como os sujeitos vivenciam seus desejos durante o processo de aposentadoria dentro do laço social;
- Compreender as experiências de prazer e o sofrimento decorrentes das relações de trabalho e mobilizadas no momento da aposentadoria;
- Apresentar os aspectos envolvidos na constituição dos sentidos e significados do trabalho na aposentadoria.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Sujeito, Desejo e Laço Social

Esta seção tem como objetivo específico apresentar o sujeito como sendo um ser desejante e faltante, perpassado por processos de enlutamento no decorrer da vida. Para que se possa compreender melhor a problemática, serão definidos alguns termos. Para Torezan e Aguiar (2011) o sujeito no campo psicanalítico é aquele que emerge na relação com o Outro¹ por meio da linguagem. Esse sujeito é tido pela sua função simbólica, pelo seu posicionamento perante o Outro que é rodeado pelas convenções e deliberações do registro simbólico. A pulsão em sua forma pura, indo mais além ao princípio do prazer, toma posição de relevância dentro da teoria freudiana pelos conceitos de pulsão de morte e compulsão à repetição. Existem particularidades da subjetividade que se definem como sendo extrínseco ao inconsciente que se simboliza como psique e sendo conhecida por campo pulsional.

Por volta de 1920, Freud formulou o conceito de pulsão de morte que é por onde o caos e o acaso são adicionados à teoria freudiana. Toma-se forma um novo dualismo: a pulsão de vida que abrange as pulsões sexuais e do eu e a pulsão de morte, sendo as pulsões de vida múltiplas e estrepitosas, ao ponto que as pulsões de morte são taciturnas, intangíveis e inexprimíveis.

Campos (2013) elabora que a pulsão de morte estaria em oposição à pulsão de vida, a qual a primeira estaria relacionada a uma força de desligamento e a outra a uma força de ligação, ou seja, tudo que se encontra dentro do aparelho psíquico que remete a representação e ao esforço de organização desse aparelho é a manifestação da pulsão de vida, ao ponto que toda ruptura e aspectos traumáticos se colocavam em situação de pânico, ou mesmo de possibilidade de morte. O autor ainda destaca que a pulsão de morte atua de maneira silenciosa no psiquismo, e, sua manifestação só pode ser entendida de maneira indireta, por intermédio dos sintomas da compulsão à repetição, do sentimento de culpa e agressividade inconscientes e da reação terapêutica negativa.

Relacionando com a teoria freudiana, pode-se depreender que a pulsão de morte de maneira alguma se manifestará sozinha, estará sempre atrelada à pulsão de vida, da qual se extraí o conceito de que a libido se forma pela combinação de componentes eróticos e tanáticos. Ainda que se consiga

¹ Entende-se esse Outro, ou, o grande Outro, a partir do referencial Lacaniano, uma vez que este está para além do sujeito, é uma instância, é a linguagem, o inconsciente, um Outro cenário. Sendo o Outro constituído peça linguagem, o inconsciente toma forma por esta relação (GERBASE, 2010)

afirmar que existe uma parte de pulsão de morte atuando nas fantasias destrutivas e, sobretudo na hostilização autodirigida, a pulsão de morte sozinha não é o bastante para que se possa compreender o processo fantasioso vinculado ao desejo de morrer.

Para além dos conceitos de pulsão de vida e de morte, precisa-se compreender o que mobiliza o sujeito a sofrer tanto pelo seu objeto de desejo. O luto, quando segue seu caminho normal, realoca a libido que era anteriormente depositada no objeto perdido, em outro objeto. Tal recurso irá compreender uma simbolização e uma assimilação da perda e assim então encontrar novas vias para o seu desejo. É por essa nova via que o sujeito transfere o significado que aquele objeto tem para ele, para que então seja viável o investimento em outro objeto de amor. Freud (2016) ressalta que esse não é um simples processo, já que irá envolver todas as questões que conduziram o sujeito a assemelhar-se com o objeto de amor, assim sendo, será cada vez mais dificultoso a substituição do objeto anterior, pois se fará necessária a elaboração de novos desejos inconscientes e conscientes para com o substituto. O processo que o indivíduo percorre para a elaboração do luto, envolve uma transformação psíquica, tanto nas defesas, quanto nas fantasias, para que então se tenha um novo equilíbrio.

Para o pai da psicanálise, o desejo é qualificado por um impulso na procura reprodutiva de uma satisfação primitiva, porém de modo alucinatório, se faz menção a um objeto atado originalmente ao aprazimento e não mais encontrado, um objeto que se perdeu, logo, constituído na ordem Simbólica (FREUD, 2016). Essa perda deve ser entendida para além do objeto em sua forma concreta. Perde-se coisas, oportunidades, situações, relações, pessoas e até a si mesmo.

Portanto, o desejo pode se realizar sem mesmo nunca se satisfazer, contrapondo ao que se passa com a necessidade – sempre de forma parcial, ao ponto em que se depara com o objeto, carregado pelo desejo, fortuitamente produzirá também uma remissão ao mítico objeto perdido para sempre, trazendo à tona a insatisfação e devolvendo o desejo a sua incansável repetição (circularidade). Em suma, a psicanálise mostra que o homem almeja “ser reconhecido pelo desejo do Outro, ser amado, desejado pelo Outro, estando a noção de desejo atrelada à de um vazio infindável, para o qual não há objeto que lhe dê fim” (TOREZAN & AGUIAR, 2011, p. 15).

Sendo o sujeito constituído pela autoridade simbólica, é preciso que se pense nele inserido no campo social, pois é nesse local que a interação simbólica com o Outro acontece e a posição de autoridade se molda. Ao se falar sobre o “vir a ser” pode-se elaborar que o sujeito está sempre

almejando algo, algo faltante a ele. Os vínculos trabalhistas e sociais, são lembretes diários daquilo que se almeja, daquilo que ainda não se é ou não se tem.

Outros dois conceitos que precisarão ser abordados são: o de Desamparo e os de Vulnerabilidades. O termo desamparo deve estar nesse contexto no singular, por ser um conceito metapsicológico, uma condição primordial estrutural do ser humano. Entretanto, o termo vulnerabilidades vem no plural, dando a entender que são infindáveis, provenientes de sofrimentos e ameaças que rondam em todos os âmbitos. Freud (2019) traz que o mal-estar e o estado de infelicidade, juntamente com as questões de vulnerabilidades, afrontam o indivíduo por três caminhos: da perecibilidade e da dor do corpo físico, do mundo exterior e dos poderes da natureza, pelos desafetos e hostilidades instigada através do contato e convívio com os Outros.

Freud (2019) ainda pondera que esse mal-estar vinculado a relação com o Outro, seja o mais oneroso, pois quando se depara com um dos caminhos à frente, como a violência, perda e o adoecimento, o desastre se confronta com o desamparo primordial e somos defrontados pelo trauma da realidade irrepresentável. É possível entender o processo do enlutamento como um “afronte” ao bem-estar do sujeito por ter afetado o mesmo pelos três caminhos ditos anteriormente.

No que diz respeito à questão do enlutamento, Freud (2014) entende o processo do luto como sendo uma resposta à perda, seja por um ente querido ou também por qualquer outra coisa ou objeto que assuma a mesma importância. Para o autor, o luto não é um processo que acontece no nível do inconsciente, ou seja, o sujeito que se encontra enlutado tem consciência daquilo que perdeu. Tal processo de enlutamento é de ordem natural e permite a elaboração da perda. Freud elabora que nesse processo de luto, o bloqueio de realizar qualquer outra atividade que não tenha relação ao objeto perdido, assim como a perda de desejo pelos aspectos exteriores da vida, acontecendo por motivos de energia psíquica do objeto que permanece aumentando e tende, a esvaziar o ego. O bloqueio aparece devido ao exclusivo devotamento ao luto, devoção que não dá espaço para nenhum outro propósito ou desejo. Ou seja, o sujeito enlutado vive esse período da vida de forma vulnerável, sentindo-se desamparado, o que afeta seu laço social.

Por meio do laço social, busca-se estar adiantado a tal condição de desamparo, porém, o mal-estar de se viver em sociedade é indispensável e confronta-se com momentos de vulnerabilidade em seu constante movimento dos conflitos entre civilização e barbárie. Indispensavelmente, o sujeito e o outro estarão inseridos nessas situações, diretamente implicados, porém nem sempre conscientes de tal implicação, tal como seu compromisso por seus atos e escolhas. Para a Psicanálise Freudiana, o

laço social é substituto da função materna frente ao desamparo, fornecendo símbolos e meios imaginários para o reconhecimento do que exemplifica ao indivíduo e confirmando sua identidade. Ele também se torna herdeiro do Supereu parental, evidenciando os deveres morais e esperados do Eu, tal como herdeiro da função paterna, permitindo que se tenha criatividade e pelo amparo maternal quando em frente ao impossível, criando novos meios de viver em sociedade. Para simplificar, Betts (2014) complementa que é por meio da vivência do desamparo que o ser humano constitui tanto o sujeito e seu lugar no laço social, quanto o próprio laço social, pois cada um se estrutura em torno do impossível.

Indo por essa perspectiva do laço social, Bouyer (2015) elabora que a angústia perante o trabalho será sempre uma angústia social, dado que grupos inteiros são subjugados por comedimento de autonomia e imposições temporais, abarcando as demandas de ritmo extenuante, carência de folgas e condições surreais de alcance de metas. O sofrimento social e laboral, assim como o psíquico, coexiste em uma interdependência: a angústia social engloba o coletivo e, dessa maneira, acaba irrompendo no sofrimento laboral e psíquico. O teórico ainda aponta uma passagem da angústia social para a individual, e os impactos destas podem ser corroboradas na existência de um coletivo social em atividades laborais, perpassando por relações de poder.

Dado o exposto, pode-se inferir que a angústia laboral será sempre proveniente da ordem social. Mendes e Ghizoni (2016) apontam que em ambientes laborais, não se têm brechas para que o sofrimento apareça, sofrimento esse que é atrelado ao ser humano, e nestes ambientes onde não se pode sofrer, irá prevalecer o rompimento de vínculos, que são essenciais para a conservação e consolidação da subjetividade individual e coletiva.

4.2 Prazer e Sofrimento nas Relações de Trabalho

Nesse momento, foram identificados os constituintes do enlutamento presentes em pessoas aposentadas ou em processo de aposentadoria, tendo como ponto de partida as contribuições psicanalíticas e da psicodinâmica do trabalho. Um ponto a ser considerado no presente trabalho é o questionamento: o trabalho pode ser gerador de prazer e felicidade para o sujeito? Para que se possa lançar luz a essa problemática questiona-se qual seria a ligação entre felicidade e trabalho. A maior parte das pessoas acreditam não existir qualquer relação entre os dois termos e que na verdade, um

não pode coexistir com o outro, logo, só será feliz o sujeito que não precisa trabalhar. Nesse ponto, se encontra um paradoxo, que se relaciona com o modo de pensar brasileiro: o indivíduo que não trabalha deseja esse trabalho e quando empregado diminui o desejo antes depositado ali, almejando seu estado anterior. Aqui percebe-se mais uma vez o vir a ser, o desejo daquilo que não se tem, o sujeito como aquele que está sempre a desejar algo. Para muitos indivíduos, a angústia do não trabalho só se equipara com a angústia de ter um patrão.

Bendassoli (2007) ao perceber tal paradoxo, tenta explicá-lo a partir da tradição oriental sobre a felicidade, expondo de que por um lado, tem-se a idealização da felicidade como sendo uma vida tranquila, pacata e estável, livre do constante desejar, desejando pouco, se contentando com aquilo que se tem; em contrapartida encontra-se o ideal contemporâneo de prosperidade: uma vida movimentada, acuada pelo medo constante do fracasso, temor por não ter *status* ou de ficar estagnado. O autor pondera que ambas convicções estão entrelaçadas no sentido que o brasileiro dá ao trabalho e como resultado, tem-se como produto a relação de prazer e sofrimento com o trabalho: o desejo pelo final de semana e pela aposentadoria e a angústia por férias prolongadas ou com o não trabalho.

Com os fatos apresentados acima, pode-se chegar ao entendimento de que o mais significativo para a felicidade laboral seja o compromisso em si, e não a forma com que ela se instaura. Reverberando Karl Marx, Bendassoli (2007) pontua que o trabalho e não o emprego é a forma com que o sujeito se expressa e se molda. Tal concepção está acometida pela contemporaneidade, onde o “ser” se evidencia pelo trabalho e não pela contemplação. Os sujeitos que não possuem um trabalho ou uma atividade regular acabam por não direcionar suas energias para o almejar algo e vão se desconectando da convivência social privilegiado pelo trabalho, seja pela angústia, pela passividade ou apatia. Logo, o trabalho como é uma importante força para a manutenção do caráter e da identidade do sujeito.

Em linhas gerais, o ponto crucial na relação felicidade-trabalho acontece em um nível mais profundo, no nível do desejo e não do gozo. Ou seja, a satisfação em si não é um sinônimo de felicidade. O sujeito em diversos momentos de sua existência, consegue reconhecer aquilo que ele necessita, já o desejar está em oposição a esse reconhecimento, pois este se encontra no campo do imaginário, do indefinido, é o insatisfazível em seu estado castigo (BENDASSOLI, 2007).

Ainda dentro desta discussão sobre a relação felicidade-trabalho, o conceito de “satisfação e insatisfação no trabalho”, segundo Martinez (2002), que é um sentimento vivido pelo trabalhador como reflexo ao cenário total do trabalho, ou seja, é um estado afetivo prazeroso ou

oneroso decorrente da avaliação que o sujeito faz de seu labor e deriva da noção desse sujeito sobre como esse trabalho o contenta ou permite o contentamento de seus valores pertinentes em relação a essa atividade laboral. A autora expõe dois aspectos que devem ser levados em consideração ao analisar a satisfação/insatisfação laboral: (a) um elemento cognitivo, que diz respeito à concepção do sujeito e seu ponto de vista sobre o labor e (b) um elemento afetivo, que se refere a quão feliz/triste e segura/insegura o sujeito se sente sobre seu labor, propondo que a satisfação/insatisfação laboral é a combinação do que o sujeito pensa e sente. O que se deixa feliz agora pode não ser o mesmo que deixará no amanhã, e, dentro dessa incerteza da felicidade, há o impasse da felicidade e por isso as trajetórias profissionais devem refletir esse conjunto de escolhas traçadas pelos indivíduos.

Oliveira e Caleano (2021) ao conceituar o termo carreira como trajetória, trazem que é um tema relativamente recente dado que até o século XX, os indivíduos em sua maioria "herdaram" sua ocupação de seus pais ou familiares ou seguiam algum labor imposto pelos mesmos como o serviço militar ou religioso. As autoras expõem ainda que tal situação na maioria dos casos, não se aplicava às mulheres, visto que a função social das mesmas era limitada ao cuidado da casa e da família. Outro ponto levantado pelas autoras é de que carreiras não nascem do nada, ou seja, ainda que essa seja uma situação de domínio pessoal, que diz respeito somente ao indivíduo, toda carreira está atrelada a um contexto social e, em muitos dos casos, organizacional.

Borges e Ribeiro (2013) mostram que o trabalho foi sendo significado historicamente em sintonia com a construção subjetiva do sujeito. Na cultura ocidental moderna organiza-se em função do trabalho, pela produção de objetos como intermediário das permutações sociais levando o trabalho a ser tido como algo nobre, um ideal a ser alcançado, marcando de alguma maneira o sujeito. O mesmo trabalho que é uma mina de prazer para o sujeito também poderá ser um gerador de sofrimento psíquico, ainda mais quando é um trabalho rígido, frustrante e desolador, que não abre ao sujeito a perspectiva de se transformar e aperfeiçoar. Entende-se então o trabalho como uma ferramenta de regulação social e necessária para a subjetividade de toda a humanidade, possibilitando ao sujeito trabalhador uma formação propícia da sua personalidade, ampliando a perseverança do sujeito perante a instabilidade do funcionamento psíquico e físico, mas não deixando ele imune às adversidades.

Gaulejac (2007) ao estudar as relações trabalhistas nos mostra que cada indivíduo possui a necessidade de valorar aquilo que ele produz, tanto de concatenação em situações caóticas, quanto lucidez perante às contradições, dando ao sujeito a possibilidade de realização pela conclusão de uma determinada tarefa. O sociólogo ainda traz que a forma de trabalho com que se tem contato nos dias atuais, é ausente de sentido, não possui "alma", prezando a ação (em desfavor da reflexão) e é

individualista (causando prejuízo ao coletivo). Tal situação contribui para a alienação do trabalhador em um delírio de auto realização profissional e financeira, fazendo com que o sujeito se torne nada mais do que um recurso sempre à serviço do trabalho.

Lacan (1985) apresenta o discurso como forma de se estabelecer o laço social (discurso da universidade, do mestre, da histérica e o do analista). Dentre eles, o que nos cabe analisar é o discurso do mestre, que se elucida como o discurso da civilização. Esse discurso sofreu uma modificação a partir da Revolução Industrial. O discurso do mestre é elucidado pelo mito de origem de Hegel na Fenomenologia do Espírito, onde existe a busca mortal pelo prestígio e reconhecimento do outro. Há entre o sujeito e o outro, o vitorioso e aquele que não o é (o perdedor). Para ser consagrado vitorioso, o vencedor, o mestre, precisou abrir mão do gozo da vida, ao ponto que o perdedor, se torna o escravo. Aquele que perdeu a liberdade continuou com o saber sobre o gozar do qual não abriu mão e agora o mestre vitorioso depende do escravo, o vencido, para gozar os prazeres da vida. Neste cenário, o escravo representa o trabalho, que é o resultado da exploração do homem em seu semelhante. Mesmo com a representação coercitiva do discurso do mestre, quem possui o saber é o escravo, logo o escravo possui o poder de negociação com o mestre. Essa relação pode apresentar um caráter de exploração, mas também abre uma porta para que aconteça a negociação - o gozo libidinal não se esvai e permanece ao lado do escravo, o trabalhador.

De acordo com Borges e Ribeiro (2013), a pequena mudança (mas crucial) que converteu o discurso do mestre em discurso capitalista veio com sérios problemas, pois aconteceu uma troca entre os termos que estavam ocupando as posições de agente e da verdade. O sujeito toma o lugar do agente, porém não agencia coisa alguma, se torna nada mais do que o “testa de ferro” do discurso, deixando no comando o mestre, que se esconde no posto da verdade. Na atualidade o “capital” não possui uma face, não dando oportunidade para uma possível negociação. Com isso o trabalhador permanece escravo, mesmo o discurso sendo outro, a diferença é que agora ele não sabe mais quem o explora. Mészáros (2003) traz que devido à irreconciliável hostilidade estrutural entre trabalho e capital, o trabalhador sempre será isolado de toda e qualquer tomada de decisão significativa.

Freud (2019, p. 91) em seu ensaio “Mal-estar na Civilização” pondera que “não há uma regra infalível que se possa aplicar a todos” no caminho em busca da felicidade e que o ser humano como sujeitos voláteis e mutáveis, não se deve colocar toda a esperança em um único lance. O autor ainda reverbera que não existe um limite no que se refere aos desejos e aspirações do ser humano. O “princípio do prazer” fomentado pela primazia do “quero, logo tenho, quero, logo sou” volve a vida

do sujeito em uma desventura, uma vez que o aprendizado com os pais, o querer não é necessariamente poder, e o outro não existe apenas para deleite do desejar.

Rubem Alves (2011) ressalta que estar sempre feliz, ter saúde e bom humor são os pré-requisitos básicos ao sujeito que deseja manter-se ativo na sociedade. Tem-se como dever estar sempre com o “astral lá em cima”, com vontade de viver, trabalhar e sobretudo, vontade de consumir. Como quase qualquer coisa hoje pode ser comprada, tem-se a falsa ilusão de que a alegria, a satisfação e o gozo estão logo ali. Seja pelos bens de consumo, pelos aplicativos ou pelos comprimidos milagrosos da felicidade instantânea que dão um “*up*” na serotonina. Com tudo isso, os depressivos e ansiosos não terão lugar em uma sociedade como essa, eles se tornam inadequados, não tendo voz e nem vez. Kehl (2009) coloca os sujeitos que estão sofrendo por esses males como aqueles que a sociedade obriga a se recolher, a calar toda e qualquer manifestação para que seu sofrimento não prejudique aqueles que estão “adaptados”. Enriquez (2010) elabora sobre a sociedade do trabalho contemporâneo:

No mundo do trabalho atual experienciamos os reflexos deste mandado à felicidade: todos temos que estar sempre bem (ou pelo menos parecer), ter boas relações pessoais (o tão propagado *networking*) e estarmos sempre prontos para a luta da competitividade. No referido espaço a tristeza não está presente, porque ela é contra a produtividade e serve como uma espécie de denúncia daquelas coisas que, por algum motivo, não vão tão bem assim como gostaríamos de acreditar que fossem. Os trabalhadores que se apresentam tristes são logo encaminhados para o setor de saúde da empresa, se não pelo chefe, pelos próprios pares que não querem ser ‘contaminados’ com a dor alheia. Nesse contexto, então, o trabalhador ideal seria aquele indivíduo capaz de adaptar-se a todas as situações, de fazer calar em si “seus estados de alma”, de considerar os problemas em sua frieza, mostrado como exemplo de guerreiro ou esportista, capaz de ultrapassar seus limites, de ter formas de “comunicação afirmativa”, de ser obcecado pela “excelência” e que deve, portanto, conformar-se a nova ideologia do ganhador, do lutador, livre de promessas, dos sonhos e dos questionamentos (ENRIQUEZ, 2010, p. 20).

O sujeito trabalhador vem sendo representado continuamente como uma matriz de sofrimento. Somos instigados culturalmente a ser competitivos, nos tornando cada vez mais individualistas, o Outro não está mais ali para oferecer apoio ou ajuda, tem-se que ir atrás sozinho daquilo que se almeja, sem se importar com ninguém mais. O trabalhador que sofre nos dias atuais vivencia dois tipos diferentes de dor: a dor proveniente da exclusão e da solidão e também a dor da situação de angústia laboral (DEJOURS, 2011).

De acordo com Dejours (1994) o labor assume uma posição prejudicial ao aparelho psíquico do indivíduo quando está em sentido oposto à “livre atividade”, quando o sujeito não possui autonomia para se organizar dentro do trabalho e se opõe a seus desejos como trabalhador. Essa situação desequilibra a carga psíquica desse indivíduo, levando a um possível sofrimento laboral. Essa carga psíquica corresponde aos constituintes afetivos e relacionais da carga mental do labor e

essa carga mental abrange eventos de composição neurofisiológica e psicológica. O sujeito que vivencia situações exaustivas pode descarregar essa energia por intermédio das vias: psíquicas (produção de fantasias agressivas), motora (utiliza da musculatura: fuga, crises de raiva, agressividade e violência) e visceral (descarregamento da energia pulsional pelo sistema nervoso com processos de somatização).

Desde que o labor permita o esvaziamento da carga psíquica, será considerado como sendo uma ferramenta de equilíbrio e motivo de prazer para o sujeito e, quando não permite esse esvaziamento, abre caminho para o padecimento e à patologia (DEJOURS e ABDOUCHELI, 1994). Dejours (1987) reflexiona que a insatisfação laboral é um dos meios estruturais de sofrimento do sujeito, ao ponto que essa insatisfação se relaciona a natureza significativa da atividade realizada, podendo ser resultante de sentimentos de desonra pela incumbência de executar uma tarefa que não é do seu interesse e não possui significado, de inutilidade por não saber o que seu labor representa dentro do funcionamento geral de uma organização, e de inaptidão, tanto em relação a questões de remuneração quando a valorização do seu trabalho no que tange a elementos como atribuição, perigos ou instruções necessárias.

4.3 Sentidos e Significados do Trabalho na Aposentadoria

Discorrer sobre os sentidos e os significados do trabalho para os sujeitos nesse momento permite que se compreenda algumas nuances do sofrimento que os trabalhadores passam ao deixar a vida laboral e, para isso, a compreensão dos conceitos de sentido e significado do trabalho podem auxiliar. Sentido e significado do trabalho quando estão em sintonia revelam elevado engajamento do trabalhador.

Ao se analisar separadamente, define-se, que o sentido do trabalho se refere a parte “emocional” da equação, ou seja, é o que dá sentido ao trabalho. Já o significado, diz respeito ao compromisso, ao vínculo que se assume com a atividade, é a parte “cognitiva”, a parte racional: “faço por ter uma obrigação, seja pelo compromisso, pelo salário ou qualquer outra coisa, mesmo que não veja sentido nessa minha ação.”

O sujeito que está em egossintonia com o seu labor terá comportamentos, valores e sentimentos em harmonia com as necessidades do ego. Já o que está em egodistonia, terá seus

pensamentos, impulsos, atitudes, comportamentos e sentimentos em contrariedade ou perturbados, e, nesse caso, os valores e sentimentos se encontram em desarmonia com as necessidades egóicas. Pode-se relacionar com a questão do trabalho onde o sujeito não vê sentido no labor, apenas continua pelo significado, ou melhor, pelo compromisso que firmou. Neste caso, a atividade mental está em oposição ao ego. Há um conflito entre o ego e os impulsos e exigências do *id* e do superego.

Dado isso, pode-se inferir que o sentido e o significado do trabalho são conceitos que andam juntos e são a base dos vínculos com as atividades laborais que se desempenha, especialmente, nas que envolvem remuneração. Esses dois conceitos aparecem como manifestações singulares e socioculturais e supõem a relação humana intermediada por diversos e distintos símbolos culturais e processos de socialização. Logo, pode-se encontrar contradições em suas definições.

O ato de trabalhar pode “significar tanto dignidade quanto humilhação, saúde e adoecer, prazer e desprazer, sustento econômico e sofrimento psíquico, fonte de amizade e discórdia e etc.” (GONDIM & BORGES, 2020, p. 2). Dejours (2011) pondera que o trabalho tem como fundamento o fazer sentido para o sujeito, para seus pares, assim como para a sociedade.

O sentido do trabalho sendo constituído por dois componentes: o conteúdo relevante em relação ao indivíduo e ao objeto. Tais conteúdos norteiam a construção da identidade individual e social do trabalhador por intermédio das tarefas que realiza, levando com que esse sujeito venha a se identificar com suas realizações. Em outros termos, na psicodinâmica do trabalho, o sentido do trabalho, será tido como “uma representação individual e/ou coletiva do ato de trabalhar desenvolvida por meio de um processo de percepção e reprodução do sentido, onde se apreciam as situações vivenciadas no ambiente de trabalho e a representatividade destas para o trabalhador” (COSTA, 2013, p. 375). Dejours (2011) apresenta três explicações para a construção do sentido do trabalho: as especificidades das tarefas realizadas; a organização laboral e a alteridade individual. O sentido estará atrelado ao modo pelo qual os trabalhadores subjetivam a experiência de trabalho pelos moldes das novas formas de gerenciamento do trabalho, vivenciada por eles nos variados setores de produção da sociedade.

Marra, Souza, Marques e Melo (2013) propõem como significado do trabalho como sendo as crenças que os indivíduos possuem sobre o trabalho em si, por intermédio daquilo que foi adquirido e moldado mediante os processos culturais e de socialização. Os autores ao referenciar Morin (2000), trazem que o sentido do labor pode ser estabelecido como o significado dado pelo indivíduo ao trabalho que ele desempenha, suas simbolizações e a posição que ocupa em sua vida. O sentido é

etéreo, é o modo pelo qual o indivíduo pratica e entende o seu labor e sua vivência pessoal. O significado aparece então referindo-se a interpretação cultural que a tarefa realizada tem para aquele que trabalha, seja pessoal (o reconhecimento do seu trabalho na finalização da tarefa), para os colegas (a sensação de pertencimento a um grupo unido pela realização de um mesmo trabalho) ou para o coletivo (o sentimento de dever cumprido ao realizar um trabalho que favorece a toda a sociedade).

Schweitzer, Gonçalves, Tolfo e Silva (2016) elaboram que na literatura se encontra em maior quantidade o termo acerca do sentido do labor e tal termo aparece em menor quantidade. Os autores atribuem isso ao jeito com que os pesquisadores têm se referenciado ao fenômeno e aos métodos de pesquisa, dado que os estudos sobre sentido do trabalho utilizam métodos majoritariamente qualitativos e, a maioria dos estudos sobre significado do trabalho são realizados por métodos quantitativos.

Para que se possa falar sobre aposentadoria, é necessário abordar sobre o processo de envelhecimento. Marra (2013) pondera que o processo de envelhecimento é de natureza biológica, social e cultural e está intrinsecamente relacionado aos valores da sociedade vigente. Logo, os valores da sociedade onde esses sujeitos são inseridos refletem na maneira como são vistos. O autor ressalta que envelhecer e se aposentar não devem ser confundidos como sendo um mesmo processo.

Souza, Matias e Brêtas (2010) abarcam o processo do envelhecimento como uma extensão da trajetória de vida do indivíduo, e em muitos casos o sujeito envelhece porque está vivendo, porém não toma consciência disso. Os autores entendem esse processo de envelhecimento como sendo pertencente ao momento da velhice, porém não termina ou se resume a ela. O processo de envelhecimento acarreta diversas mudanças, e, para que esse processo ocorra da melhor forma possível, é desejável que o sujeito desenvolva capacidade de assimilação e não de renúncia quanto às mudanças de ordem biopsicossocial, se adaptando aos novos papéis que ocupará nesse novo ciclo. Quanto a percepção dos indivíduos que vivenciam o envelhecimento, os autores ponderam que essas mudanças são mais visíveis para os Outros do que para o próprio indivíduo, uma vez que esse é um processo natural, representa um novo estado de homeostase corporal e, se essas transformações são vividas sem traumas, o sujeito não percebe o envelhecimento.

Zanelli, Silva e Soares (2009), reverberam que a aposentadoria para os cidadãos brasileiros retrata a situação de qualidade de vida social dos habitantes, para além das perspectivas e relatos de vida que mudam conforme o local de residência, situação familiar, educação, característica e situação laboral, recursos financeiros e de saúde. A respeito do bem-estar na aposentadoria, cabe pontuar que

esse estado depende da postura tomada pelos sujeitos durante esse processo, uma vez que comportamentos positivos ou negativos dos sujeitos em processo de aposentadoria, ao serem confrontados com a tomada de decisão acerca de sair do mercado de trabalho ou não, são afetadas pelas relações familiares e com a sociedade, assim como pela diversidade de papéis que assume ao decorrer da vida. Os autores ressaltam ainda que “nem toda a velhice é aposentada e nem todo aposentado é velho (ZANELLI, SILVA e SOARES, 2009, p. 13)”. Dado isso, deve-se ver a aposentadoria como um momento de rever os planos de vida, ideias ultrapassadas, viver novas experiências e encontrar novos objetos de prazer e realização.

No que tange o processo de aposentadoria, Carlos (1999) pondera que esse momento pode levar a uma possível privação do papel laboral, entretanto o vínculo simbólico do trabalhador com seu exercício permanente por meio da identidade de trabalhador, visto que os modelos de identificação estabelecidos no passado permanecem como representativos do Eu. Tal representação identitária se configura como predicado de valor e de inclusão social, firmado nas lembranças de um passado de inclusão em uma comunidade profissional e de uma carga emocional proporcional. Quando se analisa a população senil, observa-se a frequência de um processo de ressignificação da noção de trabalho que estabelece a identidade de trabalhador como consequência dos limites sociais prescritos: deve-se ser ativo ao invés de não ativo. Por este ponto de vista, esses sujeitos começam uma busca por ocupações, sejam elas remuneradas ou não, preferivelmente em instituições públicas, como meio de assegurar a “reconhecença” social. Tal situação tem como finalidade propiciar meios desses sujeitos se sentirem vivos, dado que sua ausência desses espaços é correlacionada à morte e a segregação em um corpo social marcado pela capacidade produtiva (CARLOS, 1999).

Bitencourt (2011) ao abordar o sentido do trabalho no processo de aposentadoria aponta que o labor com sentido é o labor que é realizado de modo eficiente e acarreta em algo, é intimamente satisfatório, moralmente bom, causa de vivências de vínculos sociais positivos, um labor que ocupa o tempo provendo segurança e independência. Destaca ainda que um labor provido de sentido é uma ocupação programada, que configura o tempo, definindo os períodos de “trabalho e sem trabalho” (licenças, férias, folgas, desemprego, aposentadoria e etc.). Em suma, o labor possibilita estabelecer a temporalidade, visto que quando não se tem essa demarcação de tempo, não se distingue mais o sujeito, dado que os afazeres facilmente perdem o sentido.

Deste modo, ainda de acordo com Bitencourt (2011), ao se compreender o sentido que o labor tem na vida dos sujeitos, pode-se entender a centralidade dele na vida dos trabalhadores, logo, a centralidade do labor diz respeito ao nível de relevância dado ao trabalho durante a trajetória de vida.

Tal centralidade é afetada por cada momento de vida do sujeito e mensura a relação do labor com os diversos aspectos relevantes da vida dos indivíduos. Portanto, uma mesma pessoa pode se dedicar ao labor de diversas maneiras durante cada momento de sua trajetória profissional, podendo ser instigado pela necessidade ou, pelo afeto envolvido à atividade realizada. A autora demarca algumas razões que podem conotar reações negativas ao processo de aposentadoria, como o desfazimento do laço social conhecido pelo sujeito que foi entrelaçado pelas relações profissionais e a redução da renda, que acarretam a uma alteração no estilo de vida. No entanto, para a autora o ponto principal da problemática seria a ausência de preparação e planejamento para o processo de transição.

Khoury (2010) ao trabalhar com os fatores psicossociais que levam os aposentados a retornarem ou permanecerem ao labor, comparando grupos de baixa e alta renda, expõe que a volta ao trabalho é marcada por causas psicossociais, mais do que por causas naturais, econômicas ou financeiras. A autora explica que o grupo de alta renda tende a regressar ao mercado de trabalho pela “necessidade de se sentir produtivo e de conviver com outras pessoas” (KHOURY, 2010, p.13) e no grupo de baixa renda os fatores psicossociais (produtividade e convivência) mesmo predominando sobre a questão financeira, não se diferenciam substancialmente. Ou seja, mesmo em casos onde a renda não é suficiente para atender as demandas cotidianas, o sujeito que volta ao labor não volta apenas ou só por remuneração e quando a renda do aposentado é suficiente, ele regressa ao labor principalmente para suprir privações psicológicas e sociais atreladas ao labor.

Outro ponto importante levantado por Khoury (2010) é que os indivíduos mais qualificados e com melhor renda apontam como motivos de retorno ao trabalho a questão de atualização e de satisfação individual, ao ponto que os que possuem menor renda e menor nível de instrução, têm como motivo de retorno às “necessidades de convivência” e de ocupar o tempo ocioso. A autora explica esses achados com o fato de que os sujeitos com maior instrução acadêmica normalmente atuam em atividades mais especializadas e prestigiadas, dado que nas atividades mais especializadas os sujeitos possuem maior autonomia criativa e decisória: “o trabalho é menos alienado”. Já em profissões menos especializadas, é possível, que pela situação de alienação a que esses indivíduos são submetidos, os sujeitos aposentados sintam mais a carência do local de trabalho, do cotidiano e da convivência com os colegas. Em suma, a autora ressalta que os sujeitos não exercem atividades laborais apenas por demandas materiais, mas sim, e, especialmente por demandas psicológicas e sociais.

Seidl, Conceição e Nery (2018) em uma comunicação breve trouxeram o tema “Aposentadoria e a dificuldade de dizer adeus ao papel profissional”, essa exposição de experiências de um grupo

sociodramático que trabalhou com a preparação para a aposentadoria. Esse grupo de pessoas adotou as bases do Psicodrama, ocorrendo em Brasília-DF ao todo foram 10 encontros e contou com 8 participantes: 5 mulheres e 3 homens com idades entre 52 e 64 anos. No que refere à aposentadoria, 3 participantes já se encontravam aposentados; 1 estava em transição, reduzindo sua carga laboral; e 4 trabalhavam normalmente. Dos dez encontros, dois aconteceram de forma individual e oito em grupo. O primeiro encontro foi realizado individualmente, para que fosse possível avaliar se o sujeito tinha o perfil para participar do grupo. Em relação aos encontros de grupo, esses aconteciam uma vez por semana, com duração de duas horas. O último encontro foi realizado individualmente, e foi onde a diretora do grupo conversou com cada participante a respeito de quais dimensões relacionadas ao processo de preparação para a aposentadoria estavam indo pelo caminho favorável a aposentadoria mais bem sucedida, e quais os pontos que demandam um pouco mais de atenção por demonstrarem desafios nesse processo.

As autoras expuseram acerca do terceiro encontro desse grupo, que teve como tema a percepção dos papéis que cada um estava desempenhando naquele momento de suas vidas e como era a dedicação deles a esses papéis. Um dos pontos evidenciados nesse encontro foi a situação de “José”, que foi a despedida do trabalho. José foi identificado como sendo um *workaholic*, tendendo a colocar o trabalho antes de qualquer outra relação. A dramatização desse participante permitiu que fosse exposta as conservas sociais e de comportamentos consequentes dessa relação de fascinação e submissão com o mundo do trabalho. Os grupos que possuem essa finalidade de preparação para a aposentadoria, tem como objetivo oferecer um amparo para que os sujeitos “re(conheçam)” seus interesses e habilidades além do trabalho, com a finalidade de despertar esses sujeitos para um momento onde alguns papéis serão deixados para trás, outros serão mantidos e novos serão criados, já que sujeitos saudáveis possuem uma maior variedade de papéis e possuem consciência dos prejuízos resultantes dos papéis dominantes (SEIDL, CONCEIÇÃO & NERY, 2018).

Os sujeitos que possuem um papel social consideravelmente satisfatório tendem a possuir a autoestima elevada, e aquele que perde um papel hiperdesenvolvido, pode ter autoestima baixa e desenvolver quadros ansiosos e depressivos, logo, irá adentrar a aposentadoria com sofrimento. Aqueles sujeitos que vivenciam o papel laboral de forma desgastante, maçante e conflituosa. Para eles a aposentadoria é algo positivo, almejado e esperado, e, se esse sujeito se aposentar, se sentirá satisfeito. Aqueles que desejam participar mais de outros papéis, como o familiar ou comunitário, esse momento de desligamento do mundo do trabalho pode ser o momento ideal para que eles aproveitem as recompensas e responsabilidades que são atreladas a esses outros papéis. Por

intermédio deste relato, as autoras perceberam que a maioria das pessoas não possuem interesse em participar de programas para a aposentadoria que algumas organizações oferecem, pois acabam não se sentindo confortável para compartilhar seus questionamentos com colegas de trabalho. Logo, notaram que um grupo aberto à comunidade em geral, atende a essa demanda (SEIDL, CONCEIÇÃO & NERY, 2018).

5. MÉTODO

5.1 Classificação

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, seguindo as premissas de John W. Creswell (2021) ao que se refere às características desse tipo de instrumento. O autor se baseia nas ideias de Rossman e Rallis (1998) ao ponderar que a pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural, utilizando múltiplos métodos de natureza interativa e humanística ao envolver os participantes durante a coleta de dados, que surge tanto em texto e verbalizações quanto por intermédio de imagens e fotos. Esse tipo de pesquisa se configura como sendo emergente já que tópicos e assuntos não programados podem surgir durante o estudo, logo, as questões inicialmente programadas podem passar por um refinamento à medida que o pesquisador se defronta com o sujeito que está sendo pesquisado.

Ainda de acordo com o autor, a pesquisa qualitativa é essencialmente interpretativa, ou seja, o sujeito investigante é quem interpreta as informações obtidas, tal como informar ao leitor a descrição de um outro sujeito, uma paisagem, análise de dados e por fim, realizar uma leitura ou promover conclusões acerca do tema estudado. Nesse movimento interpretativo deve-se pontuar o que se tirou de todo o processo e oferecer novos questionamentos para estudos futuros. Cabe ressaltar que nesse tipo de pesquisa, o pesquisador irá interpretar os dados por intermédio de uma lente própria (seu ponto de vista), de acordo com suas vivências sócio políticas e histórico individual, portanto, toda pesquisa acabará contendo perspectivas pessoais daquele que a conduz durante a análise dos dados qualitativos. O pesquisador que utiliza dos métodos qualitativos enxerga os eventos sociais por uma perspectiva holística e dá a esses estudos uma visão mais ampla ao invés de microanálises (CRESWELL, 2021).

Em resumo, esse tipo de pesquisa é apropriado quando o objeto de investigação é um fenômeno singular, dinâmico ou complexo a ser estudado, ou quando não se identifica prontamente as variáveis relevantes ao estudo, ou ainda, quando não se tem teorias que expliquem prontamente esse fenômeno. A abordagem qualitativa irá fornecer ao pesquisador um entendimento mais significativo acerca de um fenômeno, gerando uma maior gama de informações. Nessa perspectiva, o ambiente é inerente a esse fenômeno (CRESWELL, 2021).

5.2 Participantes

Os participantes foram convidados por meio das redes sociais como *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, além de divulgação interna dentro do Centro de Formação Acadêmica do CEUB e por indicação. A pesquisa se limitou a pessoas em processo de aposentadoria ou recém aposentados, pois com o passar do tempo, o sujeito tende a subjetivar possíveis situações de sofrimento psíquico e normalizar os sofrimentos envolvidos.

Os participantes desta pesquisa foram identificados como Pedro, Tiago, João e Maria. Todos se enquadram no escopo da pesquisa por estarem em processo de aposentadoria ou já aposentados. Cabe ressaltar que todos os participantes possuem algum tipo de vínculo com a pesquisadora, vínculo esse que será exposto ao decorrer do texto.

O participante Pedro tem 64 anos, do sexo masculino, se identifica como sendo branco, é casado, possui 3 filhos e reside com a esposa e o filho mais novo no Distrito Federal. Pedro possui escolaridade em nível superior com pós-graduação na área de Contabilidade e Direito e é dono de um escritório contábil e de advocacia. Possui renda aproximada de 40 salários mínimos e já está aposentado pelo INSS, porém, ainda realiza atividades laborais em menor jornada. A relação com a pesquisadora se dá pelo vínculo de ambos a uma instituição religiosa. O participante também se identifica como sendo “crente a Deus” quando se apresentou.

O participante Tiago tem 58 anos, do sexo masculino, se identifica como sendo branco, é casado, possui uma filha e reside com ambas no Distrito Federal. Tiago possui escolaridade em nível superior completo na área de Administração de Empresas e trabalha na área bancária do setor público do país. Possui renda em torno de 15 salários mínimos e está em processo de aposentadoria, com redução gradual da jornada de trabalho. A relação com a pesquisadora se dá por ambos estarem cursando Psicologia.

O participante João tem 71 anos, do sexo masculino, se identifica como sendo branco, está em seu segundo casamento, possui 4 filhos do primeiro casamento e reside com a atual esposa no estado de Minas Gerais. João possui escolaridade em nível superior completo com pós-doutorado na área de Odontologia, e já atuou tanto em clínica própria quanto como professor (dentro da área de formação) em universidade pública e privada. Possui renda aproximada de 10 salários mínimos e já se encontra

aposentado pelo INSS, entretanto, ainda realiza atividades laborais pontuais. A relação do participante com a pesquisadora se deu por questões relacionadas a um vínculo familiar.

A participante Maria tem 60 anos, do sexo feminino, se identifica como sendo parda, é divorciada, porém se diz solteira, possui 6 filhos e reside em um mesmo lote com dois de seus filhos, sendo que em casas diferentes no estado do Goiás. Em uma das casas reside a participante, sua filha mais nova e seu neto e na outra casa seu filho mais velho com a esposa e dois filhos. Maria possui escolaridade em nível fundamental incompleto (2º ano). Maria atua na área de serviços gerais desde que ingressou no mundo do trabalho formal. Possui renda aproximada de 1 salário mínimo e poderia já estar aposentada, porém, está esperando para se aposentar com uma renda “melhor”. O vínculo com a pesquisadora se dá pelo trabalho da participante ser no local onde a mesma reside.

5.3 Local

Duas das entrevistas desta pesquisa foram realizadas de forma remota (via Google Meet) e duas de forma presencial, sendo essas uma cafeteria e em uma sala privada de um condomínio, ambos localizados no bairro Asa Norte da cidade de Brasília - DF.

5.4 Instrumentos

Para esta pesquisa, foi utilizada a entrevista em profundidade, conduzida a partir de um roteiro semiestruturado (Anexo B) com temáticas centrais associadas à aposentadoria e ao processo de enlutamento decorrente desse momento.

A entrevista em profundidade tem como ponto de partida a conversação e de acordo com Macedo e Carrasco (2005) é compreendida como sendo um evento social e que é constituída por perguntas e discussões acerca de variados temas com aqueles que estão sendo entrevistados. De acordo com as autoras, a entrevista é uma ferramenta metodológica mais vantajosa e de maior acesso do que a investigação, análise, interrogatório ou questionamento. As autoras ao citarem Kerlinger (1980) apresentam a entrevista como sendo uma forma clara e concreta de se questionar o sujeito o

que se quer saber. Em síntese, para fins desta pesquisa, a entrevista se deu em profundidade numa troca, um diálogo, onde se têm as condições previamente estabelecidas e aceitas entre o pesquisador e o entrevistado. No momento em que o pesquisador indaga o entrevistado, absorve seu próprio ponto de vista, deixando o entrevistado livre para elaborar sua resposta. Logo, a entrevista em profundidade é um meio para acessar a profundidade psíquica do sujeito: ideias, concepções, devaneios, lembranças, sentimentos, intenções, planos, projetos, expectativas, preocupações. Em suma, pode-se ter acesso ao ponto de vista de outros indivíduos sobre variados assuntos, com o pressuposto de que esse ponto de vista é relevante, capaz de ser entendido e dissertado.

Quando se fala sobre aposentadoria e enlutamento, pode-se esperar que sentimentos como o de perda seguidos por uma possível reconfiguração, apareçam no discurso do sujeito que está sendo entrevistado. Logo, afirma-se que questões profundas foram suscitadas e que se conseguiu acesso ao conteúdo psíquico desse indivíduo.

5.5 Procedimentos de coleta

A pesquisa foi apresentada ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP-CEUB), em consonância com a Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), respeitando os preceitos éticos e legais a serem levados em consideração nas pesquisas envolvendo seres humanos.

Em um primeiro momento, foi planejado que o presente trabalho utilizaria de grupos reflexivos para a coleta de informações, entretanto, por dificuldades relacionadas ao agendamento de todos participantes em um mesmo dia e horário, foi decidido que se faria uso das entrevistas individuais em profundidade para a coleta de dados.

Após a aprovação do CEP-CEUB para iniciar a pesquisa, deu-se início ao processo de seleção dos participantes. Após selecionados, foram marcadas entrevistas individuais em dias separados. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista em profundidade juntamente com roteiro semiestruturado.

Sendo assim, a coleta de informações se deu através da tomada de notas e análise das gravações das entrevistas em profundidade. Cabe pontuar que todos os participantes desta pesquisa

foram informados quanto ao objetivo e, também, quanto à liberdade no que tange a participação da mesma. Por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A), assegura-se aos participantes a confiabilidade, privacidade e o sigilo quanto à identidade.

Após a assinatura do TCLE, foi explicado aos participantes que a entrevista em profundidade seria gravada e, após o aceite dos mesmos, deu-se início à entrevista, começando com questões sociodemográficas, seguindo para as questões referentes à natureza do trabalho: enlutamento e aposentadoria. Cada participante pode usar o tempo desejado para elaborar cada resposta, uma vez que as perguntas possuem caráter exploratório.

5.6 Procedimentos de análise

Este trabalho foi realizado com base nos princípios metodológicos da Análise de Discurso, em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise. O discurso, de forma abstrata, dá suporte a um texto que circula entre a sociedade, concretizando temas através de estruturas semi-narrativas, só é carregado de sentido para um sujeito, quando ele reconhece que faz parte de sua formação discursiva, caracterizando assim o discurso como um aspecto da materialidade ideológica. A análise de discurso consiste em compreender marcas ideológicas dos textos, interpretar os seus sentidos, sua construção e como ele se articula com o meio histórico e social em que foi produzido (GREGOLIN, 1995).

Para que se possa compreender o sujeito que produz o discurso a ser analisado, precisa-se entender que, em sua voz, existem vozes sociais que ecoam em sua fala. O sujeito que discursa não é homogêneo, sua fala é perpassada por diferentes discursos, dentre eles o de oposições, que se negam e se contradizem. A aparição dessas outras vozes na voz do sujeito, que possuem origens de outros discursos, é chamada de polifonia, que é “a presença de muitas vozes”. De frente a essa não regularidade do indivíduo, tem-se o entendimento do conceito de heterogeneidade, que denomina o sujeito que é perpassado por elementos variados. Esse conceito de heterogeneidade compreende o sujeito de forma descentralizada, e que, sempre que esse sujeito discursa com palavras, outras palavras são ditas. No discurso que esse sujeito faz, se encontra um outro que é entendido como exterioridade coletiva/social. Juntamente a esses conceitos, se encontra a noção acerca da identidade

desse sujeito falante, que é entendida como sendo plural, fragmentada e marcada por transformações constantes e que está em contínuo processo de produção (FERNANDES, 2005).

Esse sujeito do qual se fala, como visto anteriormente, não é homogêneo, e, ao descrevê-lo, há o confronto com as concepções de formação discursiva e formação ideológica, e com a correlação entre linguagem e história, atravessadas pela memória. A formação discursiva diz respeito aquilo que é permitido, ou bem visto, dizer quando se está em determinada época ou contexto social, àquilo que tem lugar e acontece a partir de condições de produtividade pré concebidas, historicamente marcadas; refere-se a probabilidade de explicação acerca de como cada discurso tem o seu momento de acontecer e de aparecer, e como as táticas que o constitui nascem de um mesmo jogo relacional, como uma fala somente tem lugar e espaço em uma época própria (FERNANDES, 2005). De acordo com Fuchs e Pêcheux (1996), a formação ideológica refere-se à complexa soma das atividades e concepções que não são nem privadas ao sujeito e nem públicas à comunidade, mas se associam em maior ou menor grau com o conflito entre classes sociais. Os sentidos irão se manifestar de acordo com os posicionamentos de cada sujeito em associação às organizações ideológicas nas quais essas posições se conservam.

A respeito da memória discursiva, Fernandes (2005) propõe que esse é o: “espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção”. O autor ainda traz suas considerações quanto ao interdiscurso, que é a existência de numerosos discursos de diversos momentos históricos e de diversos lugares culturais, emaranhados no núcleo do conhecimento discursivo. Numerosos discursos entrelaçados característicos de uma formação discursiva ofertada (FERNANDES, 2005).

Acrescentando ao que já foi exposto, cabe frisar que a Análise do Discurso é resultante da pluridisciplinar compreendendo a História, a Linguística e a Psicanálise. Fernandes (2005) citando Orlandi (1986) apresenta que o material histórico deve ser entendido como sendo a base teórica das formações e transformações culturais, é por intermédio e pela história que se irá analisar os meios de produção da fala, ou seja, porque apareceu um enunciado e não outro. Já a linguística é o fundamento dos métodos sintáticos e das normas de enunciação. Na Análise do Discurso, trabalha-se com componentes linguísticos que viabilizem a aparição do discurso. Em relação a Teoria do Discurso, ter-se-ia a explicação histórica dos mecanismos semânticos, referindo-se à construção dos sentidos advindos dos fenômenos históricos. Em suma, o enunciado estabelecido por meios formais, têm

significados diferentes ao serem verbalizados em diferentes épocas e, dessa maneira, um enunciado pode acabar se tornando outro.

Gregolin (1995) expõe acerca das referências matrizes da Análise do Discurso. Em particular acerca dos seguintes temas: a) o discurso é resultado do vínculo entre linguagem e história; b) o discurso como objeto de análise se mostra também como sendo um local de enfrentamento investigação - cada objeto analisado, evidencia determinados elementos da cultura que lhes são singulares, demandando uma retomada à teoria; c) a Análise do Discurso envolve assimilar a fala, o indivíduo e a cultura, já que a própria Teoria do Discurso evidencia uma determinação histórica dos métodos semânticos, e, acarretando na abstração dos sentidos.

Fernandes (2005) para tratar sobre os protocolos metodológicos referentes à análise do discurso, utiliza os achados de Orlandi (1984) para falar sobre as noções de Recorte, Foucault (1995) para as noções de Enunciado e Guilhaumou (2002) para explanar acerca dos Trajetos Temáticos. Esses conceitos irão fornecer o embasamento teórico para a análise e também fornecer ao pesquisador/analista as ferramentas metodológicas para a escolha e preparação do *corpus* teórico. Sobre a noção de recorte, para o autor, a mesma é tida como sendo uma unidade de fala, são pedaços correlacionados de expressões; fragmento do momento em que o discurso é proclamado, determinado por associações de sentidos. A noção de enunciado ao ser articulada dentro da Análise do Discurso, irá demonstrar a validade teórico-metodológica deste conceito para essa área de estudo. Já o Trajeto Temático irá ativar a memória da fala e trabalhará com transferências e impressões de sentidos de enunciados e assuntos defrontados com seus deslocamentos e vicissitudes sócio-históricas, e, a associação dos indivíduos em diversas instituições discursivas; esse trajeto quando entendido como um instrumento metodológico, viabiliza a analisar a elaboração e as metamorfoses dos indivíduos e dos discursos (FERNANDES, 2005).

Por fim, cabe elaborar sobre a construção metodológica da Análise do Discurso, que desde seu nascimento em 1960 na França, até os dias atuais, foi perpassada por deslocamentos. De acordo com Fernandes (2005), Michel Pêcheux ao iniciar seus estudos dentro deste campo, sempre esteve aberto a revisões e mudanças em cima de seus preceitos essenciais, e em suma, Pêcheux resume essas alterações em três épocas, que aqui chama-se de AD1, AD2 e AD3. Essas épocas irão expor as mudanças teóricas e de pensamentos do autor; tais períodos não possuem uma divisão precisa quanto a cronologia, mas sim representam primordialmente a estruturação e reestruturação dos conceitos que embasam a análise tanto em sua teoria quanto a metodologia.

A AD1 é tida como sendo um momento exploratório acerca da metodologia, na qual funciona a grandeza do discurso, entendendo-se esta como uma coleção de discursos concebidos em um momento “x”. A missão da análise nesse momento era dirigida e tinha nas conexões linguísticas, uma premissa para que acontecesse a análise do *corpus*. Essas vinculações linguísticas eram tidas como neutras e considerava uma neutralidade à construção, ou seja, não se questionava “quem ou onde”. Em suma, ao crer que os aparatos discursivos constituíam elementos sobrepostos, tinha-se uma operação com início e fim predeterminados. Na AD2, se dá início a noção de formação discursiva, Pêcheux (1990) põe por terra a noção de aparato fechado uma vez que o instrumento do pensamento discursivo está em conexão antagônica com o exterior. Os métodos de análise na AD2 permanecem iguais aos da AD1, alterando apenas a formação dos *corpos* que agora são empregados em analogias para marcar a desigualdade em seus jugos internos, que vão para além do nível da mera coincidência (FERNANDES, 2005).

Na AD3, acontece o desfazimento da noção de aparato discursivo fechado, ou seja, a noção de aparato discursivo alicerçador é levada ao limite e determina-se a primazia teórica do outro em cima dele mesmo; a noção de homogeneidade conferida a noção de condições de elaboração do discurso é permanentemente deixada de lado, a ideia de imutabilidade é extinta em função da identificação da não neutralidade da sintaxe. A ideia de expressão passa a ser levada em consideração e as reverberações acerca da heterogeneidade enunciativa acarretam no debate sobre o discurso do outro. Nesse momento, o sujeito é compreendido a partir de suas contradições e interrogações quando pensado no discurso, no espaço de memória e em relação a Análise do Discurso enquanto método de análise, e abre portas inclusive, para o rearranjo da política que perpassa a Análise do Discurso.

O presente trabalho fará uso da AD3, dado que é o referencial com maior abertura para que o sujeito seja visto como um ser dual, passível de contradições e mudanças de pensamento e comportamentos, juntamente com as contribuições de Willig (2012) que organiza a análise do discurso em 6 etapas, sendo elas: a) construções discursivas, onde se leva em consideração a maneira como os objetos discursivos são construídos; b) discursos, momento em que há identificação dentro do discurso um pouco mais amplo, dentro das diferenciadas construções discursivas do objeto; c) orientação de ação, análise mais aprofundada dos cenários discursivos em que as inúmeras construções do objeto estão sendo utilizadas; d) posicionamentos, investigação mais profunda das posições de sujeito que as demais etapas apresentaram, ou ainda, identificação de onde se encontra o sujeito discursivo dentro do arranjo de direitos e de deveres para com os demais sujeitos que utilizam de um mesmo repertório; e) prática, momento onde o discurso e a “ação” se relacionam através de

uma exploração sistemática da maneira com que as compreensões discursivas e posições de sujeito contida nelas possibilitam e/ou reprimem oportunidades para ação; e) subjetividade, momento final da análise, em que são exploradas as relações entre o discurso e a subjetividade desse indivíduo.

6. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a análise do discurso dos participantes, separou-se o conteúdo das entrevistas em três grupos de conteúdo. Os temas são relacionados a questões laborais e de enlutamento abordadas no referencial teórico desta pesquisa: o sujeito, desejo e laço social; prazer e sofrimento nas relações do trabalho; sentidos e significados do trabalho na aposentadoria.

Posteriormente a transcrição das entrevistas e o reconhecimento dos elementos essenciais da vivência de cada um dos participantes, foi viável a comparação dessas vivências e a identificação das correspondências, que foram agrupadas em três categorias que gozam das mesmas unidades de sentido. As categorias se dividem entre a trajetória de vida e profissional (Categoria 1), envelhecimento e aposentadoria (Categoria 2) e o processo de enlutamento (Categoria 3). Os achados apresentados a seguir são baseados na interpretação da pesquisadora sobre a relevância do conteúdo das falas, fazendo a apresentação de trechos das entrevistas seguidos de reflexões baseadas nos referenciais teóricos deste trabalho.

6.1 Categoria 1 - Trajetória de Vida e Profissional

Ao decorrer dessa categoria, se percorrerá os temas relacionados ao viver e a trajetória profissional, momentos que marcaram essa trajetória, como cada participante delimitou essa trajetória, bem como, as representações de para cada um dos participantes desta pesquisa.

“O viver e a trajetória profissional”

O termo trajetória, então, é tido como a sucessão de experiências laborais que um indivíduo tem ao decorrer de sua vida. Ou seja, todos aqueles que trabalham possuem uma carreira, uma trajetória profissional, independente de especialização, do trabalho que desempenham ou do local em que se encontram na hierarquia organizacional e social. Tal circunstância pode ser observada na fala do participante Tiago ao expor sobre a temática:

Eu comecei a trabalhar com 18 anos. Meu primeiro emprego foi numa oficina mecânica, né? Eu era almoxarife. (...) Depois eu fui selecionado para um estágio no Banco do Brasil, já fazia faculdade, fui pelo CIEE [Centro de Integração Empresa-Escola] (...) Aí no Banco do Brasil

meu pai era... foi... funcionário do Banco do Brasil e eu irmão também, né? E aí fiquei lá e tudo e saiu um concurso do banco. Eu fiz e passei, né? Aí eu fui pra CAIXA, então em 89 eu tomei posse em 05/06/89 e estou lá até hoje. Já tem 34 anos.

Nesse trecho acima pode ser evidenciado quando o participante traz a fala “Aí no Banco do Brasil meu pai era... foi... funcionário do Banco do Brasil e meu irmão também, né?”, que a escolha da carreira provavelmente teve influência da herança laboral, ou seja, foi influenciado pela família.

A participante Maria também expôs a influência familiar e do lugar imposto a mulher antigamente, em sua trajetória:

Eu “trabai” desde 8 anos de idade com meu pai na roça. Eu “trabai” na roça, fazendo “plantage”. Como que quando eu saí da roça, eu vivi na roça, até os 17 anos, aí me casei e vim para cá. Aí cheguei aqui, continuei dona de casa, “intecetera”. (...) chegou o momento que meu marido, meu ex-marido, “tava” muito agressivo comigo, me batia muito. E eu “tava” sem aguentar muito sofrimento. Aí eu fui, tirei minha “carta” profissional, eu fui “trabaiar” com 26 anos... Porque ele me negava muito né essas coisas. Ele negava a comida, me negaram comida... quase não tinha arroz, feijão e farinha. E a carne é a que tem em casa e já era. “Pra” ele era o bastante “pra” “nóis”. E se eu tivesse que me conformar era com aquilo. E aí eu comecei depois que eu comecei [a trabalhar]. (...) Ele bebia muito, me batia muito. (...) Foi assim, uma coisa tão ruim para mim [quando começou a trabalhar]. Porque assim eu comecei a “trabaiar” a bagunça, o inferno começou na minha casa. (...) E eu passava dia e noite, em claro, com medo dele me matar e fazer alguma coisa comigo e bater nas meninas. Aí eu fui, mas fui, fui aguentando, fui aguentando, fui aguentando. Com 6 meses, eu saí de casa, fui morar na casa da “minina” que “trabaiava” mais eu.

A problemática referente à entrada da participante no mercado de trabalho, nos remete ao exemplificado por Borges e Ribeiro (2013) ao conceituarem o trabalho como sendo uma forma do sujeito se regular e formar sua própria identidade, aumentando sua resiliência perante as oscilações do aparelho psíquico e físico. Por intermédio do trabalho, a participante conseguiu se regular e mesmo não estando imune às adversidades, conseguiu sair de um ambiente adoeceador para ela.

A respeito da temática, pode-se inferir também que tanto o ambiente social, quanto as questões referentes a condições econômicas, costumam influenciar as trajetórias profissionais, desde as escolhas e percursos que o indivíduo toma e segue até os infortúnios e conquistas que alcança. O participante Pedro exemplifica tal situação quanto ao ambiente que o indivíduo está inserido:

Eu sou do interior da Bahia, né? Em uma cidadezinha chamada Xique-Xique, no interior da Bahia. E eu dizia para os meus pais, quando eu completasse 17 anos, eu ia sair de lá, né? E eles pensavam que aquilo era brincadeira, né? Porque não me faltava nada. Eu tinha de tudo, era da classe média, né? E faltando alguns dias para me completar 17 anos, falei: pai, mãe, estou indo. Não sei, pra onde, mas eu quero ir. (...) E aí nessa oportunidade, apareceu um primo assim até distante que morava em Brasília, falou: não, vamos para Brasília com a gente lá, você resolve, você é menor ainda. Você não pode viajar sozinho e tal. Falei não, tudo bem. Então aí eu vim para Brasília, né? E aqui eu comecei a trabalhar, então ainda era menor, tinha muita dificuldade de arranjar trabalho na época. Na época o exército pegava praticamente todos os jovens naquele período de servir o exército; nisso o empregador é obrigado a manter o emprego, né? Então a gente tinha muita dificuldade, aí eu comecei a trabalhar numa lanchonete, né? E ali, pouco depois, quando eu entreguei a documentação para registrar o

contador da empresa, me disse que eu não podia trabalhar lá porque eu era menor. (...) E eu apelei para ele: não, eu não posso parar de trabalhar. Eu preciso me sustentar. E ele, depois de muito pensar, falou: Então vem trabalhar comigo. Você quer trabalhar comigo? porque eu não posso te pagar um salário-mínimo, eu posso te pagar meio salário-mínimo. (...) Aí então, assim foi eu, ainda com 17 anos de idade, comecei a trabalhar no escritório de contabilidade... foi uma trajetória assim que surgiu, meio que por acaso, né? Então não era a minha pretensão, é... ser um contador, né? Mas isso apareceu e, apareceu não, Deus colocou no meu caminho e através dela eu me desenvolvi, né?

Ao se fazer referência ao conceito psicanalítico do desejo sendo algo que “não tem objeto que lhe dê fim”, pode-se observar na fala do participante Pedro: “E eu dizia para os meus pais, quando eu completasse 17 anos, eu ia sair de lá, né? E eles pensavam que aquilo era brincadeira, né? Porque não me faltava nada. Eu tinha de tudo, era da classe média, né? (...) Não sei, pra onde, mas eu quero ir.”, o desejo constante de algo que falta. Aparentemente o participante tinha tudo dentro de casa, com seus pais, porém naquele momento ele estava em busca daquilo que ele poderia “vir a ser”. Precisava de outro objeto para desejar, pois residir com seus pais, para ele, era um lembrete constante de que ele almejava algo além do que tinha e vivia (mesmo sem saber o que). A fala do participante acerca de como surgiu sua profissão: “(...) ainda com 17 anos de idade, comecei a trabalhar no escritório de contabilidade... foi uma trajetória assim que surgiu, meio que por acaso, né? Então não era a minha pretensão, é... ser um contador, né?”, pode ser confrontada pelas contribuições de Oliveira e Caleano (2021) de que trajetórias não acontecem do nada, visto que todo esse trajeto percorrido por Pedro está relacionado a um contexto social que propiciou ele estar ali. Ou seja, diversos acontecimentos poderiam ter feito o participante seguir outro labor, seja por não se identificar com a área ou talvez, ter continuado (se pudesse) trabalhando na lanchonete.

O participante João traz a questão acerca das condições econômicas influenciando sua trajetória profissional:

Eu escolhi a área de atuação é... eu achava que eu tinha vocação para odontologia. É... fiz o curso, gostei, e logo no princípio eu tive consultório e eu mantive esse consultório até por questões da criação dos meus filhos até 2000. Mas eu convivi com ele em pequena proporção, porque logo de cara eu fui vendo que a vida de consultório não era o que me interessava. Sempre gostei muito de saúde pública, então eu ingressei, é... e fui ser voluntário, professor voluntário na UFMG em 1977, fiquei um ano e aí eu não tive nenhuma dúvida... é... quando eu fiz os concursos, eu entrei para essa área, aí eu estudei, fiz curso de especialização. (...) Então, assim, eu gosto muito de ser professor. E me identifiquei profundamente (...)

Nessa fala do participante, encontram-se similaridades com o que aborda Bendassoli (2007) ao abordar o labor como a forma do indivíduo se apresentar à sociedade, onde o “ser” é aclamado pela função em si, e não pela contemplação. Pedro ao verbalizar: “*convivi com ele [consultório] em pequena proporção, porque logo de cara eu fui vendo que a vida de consultório não era o que me interessava. Sempre gostei muito de saúde pública*”, nos exemplifica que o ponto em questão para

que tivesse o que realmente interessava, não estava relacionado a apenas “questões financeiras”, mas sim no que tange o desejo. O simples gozar da estabilidade que o consultório proporcionou a ele, não era mais suficiente.

“Momentos que marcaram a trajetória”

Nesse sentido compreender as histórias de vida que cada sujeito carrega, permite uma maior aproximação com suas vivências biográficas e em relação ao meio social, cultural e qualquer outro âmbito que seja o de criar sentido e significado amplo. Closs e Rocha-de-Oliveira (2015) ressaltam que quando a história de vida do sujeito é levada em consideração, pode servir de ferramenta para facilitar o entendimento de aspectos objetivos, como elementos do contexto financeiro, político, histórico e coletivo, e também de aspectos subjetivos, ou seja, tudo que é inerente a singularidade do sujeito.

O participante João se emocionou ao evidenciar uma situação onde passou por problemas financeiros no começo de sua trajetória profissional:

Até hoje, eu me emociono quando eu falo isso. Mas quando eu comecei a trabalhar no escritório (...) eu tinha muita dificuldade, porque a minha remuneração era muito baixa, né? Meus pais não tinham grandes condições para me ajudar, e eu também queria a minha independência, né? Queria gerar o meu próprio sustento, né? E em um determinado dia um deles [chefes] teve acesso a umas anotações que eu fazia naqueles livros contábeis, antigos, assim, que não tinha mais uso, né? Aí ele me perguntou, o que que era aquilo? Eu expliquei para ele que aquilo era minhas finanças, era o meu controle financeiro. Aí ele, ao olhar aquilo, falou, ué, mas... você está trabalhando, estudando e não está se alimentando direito. Eu estou vendo aqui que tem dia que quando você almoça, você não lancha e não janta. Aí eu falei, é, mas eu... é o que eu posso. Aí ele naquele dia, não é? Fazia pouco tempo que eu estava trabalhando no escritório (...) eles chegaram para mim e falaram, olha, a partir de hoje você vai almoçar todos os dias conosco. Na hora que nós fomos almoçar, você vai para casa com a gente e você come. E... É uma ajuda aqui, que nós vamos dar para você, você merece. E foi assim, né? Durante os 3 anos que eu trabalhei, né? (...) E isso foi algo que me marcou muito. Porque foi assim uma oportunidade incrível, né? Talvez seja um dos fatos mais emocionantes pelo qual passei nesse período.

Indo contra as contribuições de Gaulejac (2007) de que a maneira pela qual o trabalho é tido atualmente, com ausência de sentido e “alma”, onde somente o fazer e o individualismo operam, e o trabalhador é visto somente como um recurso, Pedro nos evidencia - emocionado - o oposto: mesmo em uma relação trabalhista, onde normalmente o funcionário não é visto pelos superiores, ali ele foi acolhido.

Maria ao falar sobre um momento marcante durante sua vivência laboral, também se emocionou bastante:

Acho que a história do prato de comida, que eu não comia e levava, não é pra mim, “pros minino”. Foi porque nessa época. “Cê vê”, “cê” ter 5 filhos “pequeno”. Sem ter... É... O pai podia ajudar, mas disse que não ajudava porque não tinha mãe. Os filhos “era pra ele” como se fosse cachorro. O “juízo”, “nóis” nos “separemos” e o juiz fez ele dar pensão das meninas, ele botou a carta [carteira de trabalho] e os “documento” no mato e deixou de trabalhar. Parou de trabalhar para não dar pressão dos “minino”. Então ele nunca deu. (...) E sustentar [os filhos] com dinheiro do dia para comprar alguma coisa para ficar pros outros dia, né? Aí quando eu ia lá, que não tinha nada [na casa para os filhos comerem], quando eu trabalhava, eu só lanchava na hora do almoço e trazia a comida pra jantar. E foi uma coisa que marcou muito assim, porque era mais fácil eu ficar com fome “de que” eles. Então, o que fazer? Tudo isso por eles! Então isso aí me marcou assim, mas não deixei de seguir em frente de aguentar (...)

Enriquez (2010) ao expor sobre a repulsa a tristeza no mundo do trabalho por ela servir de aviso de que algo não vai bem, exemplifica a situação passada por Maria, onde trabalhava mesmo com fome, para poder alimentar seus filhos, sem reclamar ou expor sua dor aos seus empregadores. Ainda de acordo com o autor, a participante pode ser encaixada nesse mundo ideal, como sendo o exemplo perfeito a ser seguido: “capaz de adaptar-se a todas as situações, de fazer calar em si “seus estados de alma”, de considerar os problemas em sua frieza” (ENRIQUEZ, 2010, p. 20).

A respeito de uma experiência laboral que mudou sua trajetória profissional, Tiago elaborou:

Eu era gerente geral. E teve um fato lá [na agência bancária] que me preocupou muito de um cliente né, um picareta que tinha lá, sabe? Amigo do antigo gestor lá e ele sempre... assim, ele recebia um crédito e não pagava as dívidas que ele tinha na agência, né? Aí um mês eu falei, esse cara me paga hoje. Eu cheguei cedinho com um colega lá, né? Bloqueamos [o] saldo dele [e] tudo. Ele ficou uma arara, foi brigou e ele mostrou um revólver, não tinha porta giratória na época né. Aí ele falou: ó, na minha terra a gente resolve as coisas assim. Aí eu fiquei assim... cara, acho que meu tempo e agência deu, né? Aquilo ali me preocupou muito, sabe? (...) Eu fui embora nesse dia sob escolta da segurança (...) então, ficaram vigiando agência... aí eu falei, não... meu tempo aqui já deu e fui embora, né? E era muito feliz, né? E gostava muito, sabe? E eu acho que isso contribuiu, assim, para uma interrupção de carreira [como gerente bancário] mesmo. Né? Eu ainda tinha condições de ir até o que a gente chama de gerente regional, superintendente regional... com essa trajetória, né? Mas eu preferi preservar minha saúde, né? Estava me abalando emocionalmente. (...) Então eu fui embora.

Freud em Mal-estar na civilização (2019), nos expõe acerca do mal-estar e o estado de infelicidade ao serem acrescidos de situações de vulnerabilidades e desamparo, que podem atingir o indivíduo de diversas maneiras, sendo um deles, e o mais oneroso talvez, os problemas relacionados à convivência com os Outros. Tiago, ao elucidar uma situação que ocorreu em um dia de trabalho, nos faz perceber que um conflito com o Outro, o colocou em uma situação de vulnerabilidade onde ele teve que se reorganizar, abrindo mão de determinadas situações em prol de sua saúde mental. Pode-se dizer então, que o participante por intermédio da sua vivência de desamparo pode se reconstituir e se recolocar dentro do laço social.

João elucidou alguns momentos que o marcaram durante sua trajetória profissional:

Eu poderia te dizer o seguinte, do consultório eu trago ótimas lembranças das minhas relações com as pessoas. Eu nunca fui um mau dentista, mas eu nunca fui um dentista de vocação de ficar lá trabalhando, fazendo próteses, cirurgias e tal. Isso nunca foi o tesão da minha vida, né? É a saúde pública, ela me envolveu muito mais. (...) Eu aprendi, eu pude trabalhar em projetos em que... é... foi muito importante para mim, trabalhar onde a política era formulada e onde de fato o que ela propunha, acontecia. E eu pude ser, é me sentir, no micro, no espaço micro da política, né? É... como um formulador também dessa política, tá? Então, assim, ao trabalhar, por exemplo, na saúde da família, na atenção primária (...) eu acho que tive os meus momentos mais marcantes, foi nesse espaço.

Ecoando o paradoxo da felicidade no trabalho explicado por Bendassoli (2007), pode-se perceber que João buscava viver o ideal contemporâneo de prosperidade/felicidade: “do consultório eu trago ótimas lembranças (...) Eu nunca fui um mau dentista, mas eu nunca fui um dentista de vocação (...) Isso nunca foi o tesão da minha vida, né? É a saúde pública, ela me envolveu muito mais.”. Com o trecho, pode-se observar que o participante não estava satisfeito com a vida “tranquila, pacata e estável” dentro do consultório, evidenciando o desejo pelo que não se tem, e pela “emoção” de buscar aquilo que ele poderia “vir a ser”.

“Como vejo minha trajetória”

Neste momento os participantes foram convidados a revisitar sua trajetória mais uma vez e buscar uma palavra ou frase que sintetizasse sua trajetória profissional para que se possa compreendê-los melhor.

João elaborou: “Eu acho que realização. É... protagonismo... felicidade... compartilhamento, porque eu acho que o ato de ensinar, o ato de trabalhar, são basicamente de solidariedade e compartilhamento”. Tiago traz a palavra “vitória”: “Eu me considero vitorioso.”. Para os participantes João e Tiago, a trajetória profissional tem como significado a visão social que o trabalho realizado tem para eles mesmos. Para João possui conotação pessoal, para os colegas e para o coletivo, ou seja, o participante reconhece seus feitos: “protagonismo”, se sente pertencente a um grupo e também acredita que seu labor favoreceu toda a sociedade em algum nível. O participante Tiago ao se “considerar vitorioso” reconhece que seu trabalho foi concluído, em nível pessoal, foi finalizado.

Indo no mesmo sentido, Pedro comenta se referindo ao seu esforço e a sua fé:

É, deixa... Assim... é... É muita dedicação, muita dedicação e a presença de Deus constante, assim, dirigindo todos os passos meus, né? Desde o momento, vão pensar aí, que eu vim para Brasília com 17 anos, antes Deus já me acompanhava. Mas a partir dali... A presença de Deus é... É tão marcante assim na minha vida... Que não dá para pensar em nada sem ter uma profunda gratidão pelo que ele fez e tem feito por mim. Sempre abrindo portas, sempre me proporcionando o crescimento, crescimento profissional, crescimento espiritual, crescimento emocional. Então assim... É incrível isso, então a minha palavra é gratidão. É gratidão a Deus por tudo que ele tem feito e tem nos proporcionado.

Maria segue nessa mesma linha:

É... que resume? Eu sei que a minha é Vitória desde eu de 8 anos de idade, “inté agora” 60 anos que eu já fiz o que eu já passei. Eu já sofri o que... Eu só agradeço a Deus. Gratidão. Só gratidão e Deus, muita fé de Deus, só ele que me seguiu até hoje aqui que me ajudou, que me deu força, me deu coragem. Que me dá tudo. É só por ele, porque minha filha não foi pouca coisa que eu passei na minha vida, né? (...). [Pouco do que eu estou ouvindo, me faz entender um pouquinho] (...) é, foi, foi. Como eu sofri na minha vida, como eu sofri, fia, “oia”, eu tinha 26 anos. Eu não ia dizer para você o que hoje eu tenho 60 anos, que eu tinha 26. Eu, com 26 anos, eu era uma velha de 70 anos, bem acabada, muito gorda, muito, sabe... “Os ano” ... o que eu vivi ao lado do meu ex-marido, foi “os ano” mais difícil da minha vida. Eu sofri, eu fui arrastada. Depois que eu não gosto nem de lembrar assim, mas eu fui tão sofrida quando eu me casei... Eu era arrastada na pista, ele tentar me esfaquear e muita coisa, coisa, coisa...

Nesse momento da fala da participante Maria, a pesquisadora fez uma indagação, a fim de provocar a participante perguntando: “então a senhora acha que o trabalho te emancipou, te deu capacidade e meios?” e ela respondeu: “Foi. Deu força e coragem para ‘mim’ enfrentar minha enfrentar a vida. Ser o que eu sou hoje”.

Fazendo referência ao significado do trabalho apresentado por Marra, Souza, Marques e Melo (2013), onde o mesmo é tido pela “soma total de crenças” que o sujeito tem decorrente dos processos culturais e de socialização, pode-se inferir que os participantes Pedro e Maria ancoram suas trajetórias em algo “maior que eles mesmos” ao atrelar suas trajetórias a Deus. Evidenciando que suas crenças podem ter sido de fundamental importância em momentos atribulados de sua jornada, sendo uma força reguladora desses sujeitos.

“O que o trabalho representa/representou”

Conforme exposto acima, ao se elaborar sobre o sentido e significado do trabalho, buscou-se compreender o que o labor representa ou representou para cada um dos sujeitos, visto que o ato laboral pode ter tanto significados positivos quanto negativos, dependendo das experiências individuais de cada um deles. O participante Tiago ao verbalizar sobre a questão, pontua que:

O trabalho representou crescimento. Representou um conforto material. Representou um reforço da minha, minha, minha postura ética. Não fazer as coisas, porque tem que fazer, entendeu? Tem que ter um significado, tem que ter um objetivo no trabalho. Para mim, assim... é algo que quando bem aproveitado, ele só traz benefícios. (...) Eu posso dizer que consegui tirar mais (...) aí eu consegui ter apoio, né? Em casa, a família é fundamental, não é? E eu acho que também comigo os meus valores são herança de família, pai, mãe... de não submeter a essas jogatinas, né? Aí eu: estou fora dessa, entendeu?

Nesse momento, observou-se ainda no recorte acima, questões acerca da “herança laboral” tratada anteriormente. Entretanto, mesmo que esse trabalho tenha sido assumido de forma passiva pelo participante, pode-se observar também que sua fala apresenta sinais de que ele está em

egossintonia com seu trabalho, dado que seus valores e sentimentos aparentemente estão equilibrados com suas necessidades egóicas.

Acerca da centralidade do trabalho em suas vidas, os participantes João e Pedro elaboram:

O trabalho foi um espaço fundamental na minha vida. Ele hoje eu vejo que ele ocupou de forma... Que eu agora consigo entender.... de forma até um pouco invasiva, né? Na minha vida, ele foi muito central. Não só pela questão da grana. Mas também pela questão da realização pessoal, não é? Eu acho que o trabalho me motivou para todas as coisas mais importantes que eu fiz. Agora sob o ponto de vista, assim né... é... mas também, eu não sei se isso. Poderia ter sido diferente, nem se ele fosse diferente, por exemplo, para os meus filhos, né? Que eu estou vendo eles fazerem muito igual? Sim, me tirou um pouco o tempo da família, me tirou um pouco o tempo do lazer é... eu não, não era um workaholic não, mas eu era uma pessoa, é muito centrada no trabalho, no estudo e professor então é... você tem hora de trabalho e depois você chega em casa, você continua tendo também, né? Então isso aí foi, é, é uma coisa importante, né? Hoje que eu estou, eu continuo trabalhando um pouquinho, mas que eu estou podendo olhar para mim, é... eu acho que a gente tem que... Se eu pudesse dizer alguma coisa para os meus filhos e para todo mundo que está entrando, né? Trabalhe. Valorize. Leve com muita responsabilidade. Mas não exceda, não deixa o trabalho entrar não porque o trabalho é igual água. Ele vai ocupando todos os cantinhos na vida da gente. E o trabalho tem uma outra coisa, ele, como ele, tem um nível de exigência, uma carga horária e uma definição dos fazeres, ele às vezes tira da sua vida a possibilidade de você planejar a sua vida e o trabalho na sua vida. Então assim, eu acho que hoje eu estou vendo muito importante a função do planejamento. Sabe, da criação de rotinas do estabelecimento de metas. Porque eu trabalho fazia isso para mim e hoje que eu sou dono do meu tempo, eu tenho me deparado com isso (João).

É, veja bem, ele era muito. Era muito trabalho, não é? Então...Trabalhei assim, trabalhar 10, 12 horas por dia constantemente, né? E é óbvio, né, que nos últimos anos a gente tinha reduzido um pouco, mas eu tinha no mínimo a carga horária de 8, 10 horas por dia, né? Então, é... representava bastante consumia muito tempo, às vezes tempo que era para dedicar a família, tempo para dedicar o lazer, a saúde e tal, estava dedicando mais ao trabalho, né? E foi exatamente esse momento, que olha... está na hora de começar a reduzir isso aqui. Parar, eu acho meio difícil, porque até por uma questão mental mesmo, né, da cabeça... E hoje, com as facilidades que a gente tem que trabalhar, mesmo remotamente, mesmo longe, né? Então isso facilitou bastante e não tem nos ajudado a reduzir esse ritmo do trabalho (Pedro).

Referenciando Bitencourt (2011), pode-se observar nos dois trechos recortados, a questão da centralidade do trabalho na vida dos dois participantes. João e Pedro trazem a problemática do trabalho ocupando a maior parte de suas vidas, e, o coloca como papel principal que desenvolveram ao longo dos anos, acima de papéis dedicados aos laços familiares.

O participante Pedro ao ser instigado pela pesquisadora elabora sobre uma ressignificação que fez sobre seu labor:

Sim, totalmente... totalmente, inclusive a forma, né, de não executar mais, de só gerenciar, só coordenar, né? Só acompanhar, né? Então isso mudou muito, né? Assim como muda como pessoa, né? Então você deixa de ser assim tão exigente, tão perfeccionista, e passa a tratar as coisas com mais liberalidade, com mais tolerância, né? Então, tudo muda com a maturidade, né? Ele muda... tudo na vida da gente.

Nesse recorte, ainda referenciando Bitencourt (2011), Pedro evidencia que conseguiu mudar sua forma de se relacionar com o trabalho, diminuindo o tempo dedicado e a maneira com que lida com as questões referentes a ele nesse processo de redução de carga de trabalho proveniente da aposentadoria.

A participante Maria apresenta o trabalho como sendo uma potência transformadora:

Mudança de vida... Mudança de vida e criei meus filhos sozinha também, graças a Deus e a Deus, mas criei eles “tudim”. Hoje, “eles tudo” têm as suas casas, têm seus “fios”, suas “família”. E aí, depois dos 5 né, depois eu que eu tive a Luiza também sozinha, não dependi de ninguém para cuidar dela. Cuidei dela. Hoje ela está formada. Ela está formada, graças a Deus, amém. Sou a força dela. E hoje eu estou aqui para continuar seguindo o caminho até que me permitirem.

Indo de encontro com o exposto por Gondim e Borges (2020), Maria, coloca o ato de trabalhar como sendo uma forma de alcançar a dignidade e o sustento econômico para ela e sua família.

Sintetizando, por intermédio das questões levantadas acerca das trajetórias de vida e profissional, percebe-se que para todos os participantes o trabalho possui um papel central e estruturador em suas vidas, sendo a base de como se enxergam enquanto sujeitos inseridos no laço social. Foi possível observar também os diferentes sentidos e significados que cada um dos sujeitos da pesquisa dá ao ato de trabalhar e que o mesmo trabalho que gerou prazer pode gerar sofrimento.

6.2 Envelhecimento e Aposentadoria

Nesta categoria, apresentar-se-á temáticas referentes ao processo de envelhecimento e aposentadoria, compreendendo como cada participante significa os processos de envelhecimento e de aposentadoria; entendendo as questões que norteiam esses processos; como esses sujeitos se preparam para esse momento; e como se dá ou se dará a relação de trabalho nesse novo momento de vida.

“Significados de se aposentar”

Como visto anteriormente, os sentidos e significados variam de sujeito para sujeito, logo, o significado de se aposentar para cada um dos entrevistados também varia. O participante Pedro elabora sobre ser um tempo para ser fazer o que gosta:

Para mim, aposentadoria significa... É... passar a fazer aquilo que eu gosto. Para mim é isso, né? Olha, eu tinha uma obrigação de trabalho, sustento... de não falir. É a partir de agora eu não quero mais ter essa obrigação aqui. A partir de agora eu quero ter uma obrigação comigo, com a minha família, e... desvincular um pouco dessa questão do profissional, do crescimento profissional. Não de aprender, né? Eu acho que aprender a gente tem que estar sempre é buscando isso não é... mas novas coisas, buscar novas coisas que nos dê coisas para ver, que de mais condição de vida, né, de qualidade de vida, né? Então é isso, para mim, aposentar não é parar de jeito nenhum. Eu acho que se eu parar, eu morro, mas é realmente como você falou, é significar essa questão daquilo que se faz bem, eu acho que é isso.

O participante Tiago trás esse momento como sendo uma etapa anterior a um novo ciclo a ser vivido:

Ó pra mim, eu considero aposentadoria... é... uma etapa de vida. Eu não considero a aposentadoria como um fim de vida. Eu considero um novo momento, novas oportunidades, novos horizontes, então eu estou encarando a minha futura aposentadoria na CAIXA como fim de um ciclo naquela empresa. E o início de um novo ciclo.

Ao ser questionado sobre poder se aposentar imediatamente, o participante expõe: “É... aposentadoria... não... assim: O meu objetivo seria aposentado da CAIXA, já quero ter algo engatilhado. Não quero me aposentar para acordar pensando no que que eu vou fazer hoje. Eu me conhecendo, para mim seria adoecedor”.

O participante João traz a questão da gestão do tempo e da autonomia:

Então, assim, a aposentadoria está me trazendo para mim: o tempo para mim, o que que eu gosto mais de fazer, o que que eu quero fazer. O que eu estou aprendendo a fazer são coisas importantes, que estão me dando prazer. O que que eu não quero? Sabe, então assim a aposentadoria, ela está significando uma autonomia que, como eu te falei, ela é muito boa.

Ao se analisar as falas dos participantes Pedro, Tiago e João, assim como seus marcadores sociais (educação e renda) pode-se relacionar aos achados de Khoury (2010), onde o sujeito que se encontra em níveis sociais mais elevados, almeja o retorno ao mercado de trabalho para fins egóicos, desejam ser reconhecidos, se sentirem valorizados e pertencentes ao espaço social. Nas falas também se percebe a mudança da centralidade do trabalho na vida desses sujeitos assim como previu Bittencourt (2011). Na fala do participante Pedro: “É... passar a fazer aquilo que eu gosto. Para mim é isso, né? Olha, eu tinha uma obrigação de trabalho, sustento... de não falir”, se encontra aí a menor alienação do trabalho, onde o sujeito possui autonomia de decisão acerca do seu labor.

A participante Maria nos traz uma fala mais voltada a um possível descanso relacionado a aposentadoria: “É... assim... uma coisa que a gente quer, depois que fica “veia”, né? Para poder

descansar, né, fia? De tanto “trabaio”, tanta coisa. Mas assim . . . Eu acho que é o significado da vida da gente... o final. Esperar para morrer, né?”. Nesse momento, a pesquisadora questiona a participante: “A senhora acha que representa o final da vida?” e ela responde: “Eu não sei... eu acho... Para quando a gente não puder mais trabalhar, né? Eu acho que é um... sustento para a gente... Porque vai chegar um tempo que a gente não vai dar conta mais de... né... de você se movimentar mais “ingual” a gente se movimenta, né?”

Ao se entrar em contato com a fala da participante Maria, percebe-se um sentido diferente dos demais participantes quando o assunto é aposentadoria. Para a participante, o trabalho também possui um papel central em sua vida, entretanto o mesmo trabalho que no início representou emancipação e possibilidade de mudança de vida, também pode significar situações não tão prazerosas. Quando Maria traz: “Eu acho que é o significado da vida da gente... o final. Esperar para morrer, né?”, pode-se inferir que a possibilidade desse trabalho deixar de fazer parte do cotidiano da participante, faz-se a presença de fator de sofrimento, visto que a mesma não se enxerga além dele: “Para quando a gente não puder mais trabalhar, né?”

“Significados do envelhecer”

Ao se pensar brevemente sobre aposentadoria, pode-se chegar ao conceito de envelhecer, ou, ao processo de envelhecimento. Sendo assim, buscou-se compreender neste momento o significado do envelhecimento para os participantes, visto que sendo esse um fenômeno que abrange o ser humano nas esferas biopsicossocial, irá acontecer de diferentes maneiras para cada sujeito, levando em consideração suas vivências dentro do tempo e espaço. Logo, o processo de envelhecimento, pode ser caracterizado como sendo uma vivência subjetiva e social (MARRA, 2013).

O participante Pedro elabora sobre esse momento a partir da palavra maturidade:

O envelhecimento para mim é a maturidade, né? É, eu acho assim, eu tenho assim, uma satisfação tão grande, né? E, por exemplo, se fosse quando você tem 64 anos, pois, poxa, eu me sinto jovem. Eu me sinto pleno. Como eu te falei é a melhor fase da minha vida, então eu não sofro com isso, não é? E eu acho que a partir do momento que você cuida da sua saúde, que você cuida da sua saúde, todos os aspectos, né? Que isso lhe traz uma tranquilidade, um envelhecer tranquilo, envelhecer de forma natural, não é? (...) Então eu acho que envelhecer é isso, é crescer em todos os aspectos. É ensinar e transmitir conhecimento, né? E aprendizagem todo dia, né? Então isso não pode, a gente não pode parar, né? Então você tem que estar sempre exercitando ela. Mente e corpo né (...)

Quando o participante explicita: “Eu tenho uma satisfação tão grande (...) Eu me sinto jovem. Eu me sinto pleno. Como eu te falei, é a melhor fase da minha vida”, vai de encontro com Marra

(2013), e vivencia esse processo tal como a sociedade oriental: como sendo um momento de prestígio, onde irá conseguir “ensinar e transmitir conhecimento” para as gerações mais novas.

O participante João exemplifica o envelhecimento dividindo-o em 2 categorias, o biológico e o psicológico:

Olha, é, eu acho que tem 2 sentidos do envelhecimento. Um deles é o biológico, então você está olhando aí para mim, oh, meus cabelos já foram pretos iguais ao seu, entendeu? E hoje? Eles estão brancos, então assim tem um envelhecimento fisiológico que não tem como eu negar. Agora, ele nunca me... A minha saúde eu não posso reclamar, ela nunca me atrapalhou de trabalhar, de fazer minhas coisas, até eu me aposentar. Tá, então assim é... eu me senti mais cansado, eu fiquei mais sem paciência para fazer algumas coisas e eu acho que isso pode ser uma consequência da idade, tá? Apesar de eu ter uma... eu tenho uma vitalidade muito grande para o trabalho e para muitas coisas que eu sempre gostei. (...) Mas é lógico que a gente começa a ter assim.... uma restrição aqui, outra ali, entendeu? Vem um problema. Então assim, depois que eu me aposentei de fato. Eu não sei se isso tem relação. Eu tive um problema renal. Eu tive que fazer 3 intervenções com anestesia geral. Depois eu apareci com labirintite... é, depois apareceu uma hérnia inguinal, aí eu tive que fazer uma cirurgia, sabe? Aí você fala, pô, não é possível, sabe? Perdi um dente que isso pra dentista é uma tristeza, um dente, e aí tô tendo que fazer um implante. Então assim começa a ter umas coisas esquisitas que eu nunca tinha tido na minha vida... agora, tem um outro envelhecimento, e esse é perigoso. Que é o sentir-se velho, tá? Então assim é... eu acho que isso não aconteceu comigo, sabe? Eu tenho... é... eu continuo assim, pensando coisas, tendo ideias, eu sou uma pessoa mais calma. (...) Então eu não me sinto uma pessoa velha. Isso para mim não chegou não, entende? Agora, fisicamente não tem jeito.

Ao falar sobre o envelhecimento físico, João acendeu um alerta ao elaborar que durante seu período trabalhando não enfrentava problemas de saúde, porém, ao se aposentar, algumas situações foram acontecendo. Pode-se inferir do relato acima, que o trabalho provavelmente ocupava todos os espaços da vida do participante, não deixando espaço para que ele mesmo vivenciasse o sofrimento ou o desprazer advindo desse labor. Seguindo a contribuição de Dejours (1987), possivelmente a carga mental relacionada ao trabalho desse sujeito foi tão extenuante que no momento em que ele “parou”, aconteceu o descarregamento dessa energia acumulada psiquicamente - desse sofrimento - pela via visceral, ou seja, a energia pulsional foi aliviada pelo sistema nervoso através da somatização. No que diz respeito ao “sentir-se velho”, o participante relata não experienciar diretamente esse processo em nível psicológico.

Já o participante Tiago significa como sendo algo natural do ciclo da vida e corrobora com os achados de Souza, Marias e Brêtas (2010) de que mesmo com as mudanças advindas desse momento, quando o sujeito consegue concatenar esses processos, provavelmente irá vivenciar um melhor envelhecimento:

É para mim é natural. Eu não acho o envelhecimento algo danoso, algo depressivo pra mim, faz parte da vida, é um ciclo natural da vida, o que eu procuro é envelhecer bem, né? Ou seja, curtir o envelhecimento. Que é claro que muda, não é, por exemplo, vai mudando o vigor

físico às vezes vigor cognitivo né? Então você vai se ajustando à etapa da vida, não é? Então eu tenho procurado isso, entendeu?

Maria expõe que não sente medo desse momento, e também vai de encontro com Souza, Marias e Brêtas (2010) quanto sua percepção do envelhecer, ou seja, não se percebe “na terceira idade”:

Ai, envelhecer para mim é uma coisa que eu não tenho medo. Porque que nem agora mesmo eu não quero dizer: aí, você já está na terceira idade! Onde, eu terceira idade? Pra mim, 20 anos, para mim não tem diferença. Eu vejo a mesma coisa, mesma diferença, a mesma coisa. Na minha cabeça, não mudou, é como aqueles: aí você tem essa idade, você está vestindo isso, está vestindo aquilo... o importante pra mim é eu me sentir bem comigo. Eu me sinto bem daquilo que eu faço, se eu me sinto bem de fazer aquilo, eu faço aquilo. Se eu me sinto bem vestindo aquilo, eu visto. Eu tenho que me dar valor a mim, o que eu sou, o que eu faço. É isso que eu ensino meus “fio” em casa. A gente tem que “trabaia” para a gente.

“Aposentar ou não aposentar”

Nesse momento, tentou-se compreender acerca do porquê os participantes decidiram se aposentar quando se aposentaram e em que momento surgiu essa vontade de se aposentar. Cabe ressaltar de antemão que os participantes Pedro, Tiago e João expõem que mesmo se desligando de um vínculo empregatício e se aposentado, não pretendem deixar de exercer funções laborais em algum nível.

Pedro, aborda a questão da continuidade do trabalho relacionando essa temática mais uma vez com sua crença em algo maior:

Eu vejo assim... até quando a minha cabeça permitir, até quando o corpo e a mente permitir... eu acho que a gente vai estar nessa luta, né. Porque durante esse período todo, você acumula assim uma gama de conhecimentos, né? E... Eu acho que ela é importante para as novas gerações, para a turma que vai chegar lá, cuidando do escritório para os clientes e que querem uma consultoria, uma informação diferenciada, né? Então eu acho que a gente não pode perder isso, né? Até onde Deus nos der condição de continuar usando isso, né, nós devemos utilizar, não é?! Mas você sabe que Deus é muito sábio, não é? Então quando o homem percebe: não, já estou sabendo muito, eu já sei de tudo e tal. Deus vai lá, vai visitar, aí está na hora de você ser chamado.

O participante em sua fala, apresenta mais uma vez a intenção de não ter mais o trabalho como papel central em sua vida, porém agora, associando essa descentralização a fatores biológicos e psíquicos: “até quando a minha cabeça permitir, até quando o corpo e a mente permitir”. Seguindo os preceitos de Carlos (1999) pode-se observar que o participante ressignificou o sentido do trabalho, pois agora ele se toma como sendo algo para ser passado adiante para as “novas gerações”, porém não perdendo sua reconhecença social: “[estarei lá] para os clientes que querem uma consultoria, uma informação diferenciada, né?”

Tiago elabora acerca do seu planejamento de se aposentar da área bancária, porém continuar trabalhando com sua futura profissão, a psicologia:

60 anos. Com 60 eu cumpro, assim, esse marco de 60 anos. Para mim, já estava antes mesmo da psicologia. Eu já estava decidido que com 60 anos, eu paro na CAIXA. Aí ainda não tinha me organizado para o que fazer depois. Nisso surgiu a psicologia. (...) É, foi assim quando eu já estava na matriz, quando eu comecei a fazer o curso de psicologia... É... eu já fiz com esse intuito. Porque eu já vi que ia casar direitinho, né? Eu terminando o curso e dar o prazo de aposentar, ia ser meio “pari passu”, né?! Essa diferença de 1 ano é o tempo de eu restabelecer, de buscar alguma coisa. Então isso aí foi intencional, foi pensado mesmo, né? Para já pensar no pós emprego, né?

Ao se analisar a condição educacional do participante, com a questão do “*pós emprego*”, consegue-se confirmar o que aponta Khoury (2010), acerca da qualificação e da condição financeira são meios que propiciam maior facilidade no retorno ao mercado de trabalho. Mesmo que o participante ainda não tenha se aposentado ou se desligado do seu vínculo atual de trabalho, pode-se perceber que esse é um assunto que o mesmo planeja e deseja.

Nesse momento da entrevista, o participante Tiago expõe acerca do ambiente adoeceador dentro do setor bancário:

Eu estava assim... No início do ano passado, em janeiro de 2022... eu olhava pro espelho e chorava... Eu estava assim... Eu estava entrando numa depressão, né? Aí eu pedi ajuda para terapia. Nas 2 primeiras sessões da terapia só chorava, não falava, né? Aí ela foi super acolhedora comigo, né? (...) Mas é muito adoeceador [ambiente de trabalho], muito, muito, muito... Colegas com síndrome de burnout sabe... bem complicado, tenso... Eu dei valor a minha saúde mental. E o pior que... vamos dizer assim: a desarmonia... E assim, o adoecimento, muito motivado pela forma de gestão. Assim, a própria equipe técnica... Né? (...) Eu preferi minha saúde e eu também resolvi focar na no final do meu curso [de psicologia], né? Eu estava assim já com um ano e meio para me formar, né? Eu sabia que ia ser 1 ano e meio bem tensos, com TCC estágio... Eu falei, cara, eu vou desacelerar. E eu já estou com convite para me formar e voltar a ter cargo de gestão. Eu já estou reavaliando, se eu volto, não volto... porque eu estou para me aposentar daqui 1 ano e 10 meses, né? E aí eu estou querendo me aposentar mesmo! (...) Eu estou fazendo o processo de desaceleração do trabalho, né? E me desligando paulatinamente, né? Sei lá como é que vai ser, mas eu não quero parar, né? Aí eu quero continuar agora uma outra dinâmica de vida, não é? Em uma outra área.

Ao verbalizar que “olhava pro espelho e chorava... Eu estava assim... Eu estava entrando numa depressão, né?” e que: “é muito adoeceador [ambiente de trabalho], muito, muito, muito... Colegas com síndrome de burnout sabe... bem complicado, tenso...”, pode-se inferir que o ambiente de trabalho nesse momento para o participante se apresentava como fonte de sofrimento ao causar prejuízos ao seu funcionamento psíquico.

João nos traz questionamentos que permearam sua decisão de se aposentar:

Olha, é. Primeiro, a questão da idade. Tá, é... Não que eu me sentisse velho. Mas foi exatamente porque eu ainda estava com uma boa juventude, me sentindo com muita

capacidade, para eu poder ter tempo para mim. Sabe? Viajar, sem tempo de férias e fazer uma viagem mais econômica é... e não ter que voltar correndo para arrumar coisas de trabalho, entendeu? (...) Mas tem outras questões... E uma delas é que eu comecei a ficar cansado. De algumas atividades (...) Tem o que você gosta e tem o que você tem que fazer que é obrigação (...) Eu comecei a ficar cansado disso. E é, à medida que isso foi crescendo, eu fui... acho que assim, eu fui construindo em mim uma insatisfação com essa parte. (...) Eu comecei a fazer isso com esforço. E eu ficava mais cansado. Com menos paciência, embora tivesse bons resultados. E aí eu vi ameninada chegando (...) Então assim é... Eu acho que esse passar o bastão [transferir para outra pessoa sua ocupação], é... também acelerou um pouco a decisão, mas sempre foi uma decisão muito difícil. Porque eu morria de medo de perder o meu lugar, o meu trabalho, de ficar atoa. Então, assim, tinha um monte de medos do que era desconhecido, né?

Ao ser analisado o recorte acima, identificou-se que uma das coisas que levaram o participante a se aposentar, foi a questão da egodistonia que experimentou com seu labor, ou seja, o trabalho não tinha mais o mesmo sentido que tinha no começo, e o participante começou a realizá-lo apenas pelo seu significado, apenas por ter que fazê-lo. Outro ponto importante, é que João ao relatar que a decisão de se aposentar: “sempre foi uma decisão muito difícil”, vai de encontro com Bitencourt (2011), visto que para alguns sujeitos a aposentadoria pode ter à primeira vista, um sentido negativo como por exemplo o “medo de perder o meu lugar, o meu trabalho, de ficar atoa.”

A participante Maria foi a única que em sua fala não demonstrou um aparente desejo de continuar a trabalhar após a aposentadoria, e que ainda não se aposentou, ou cogitaria não se aposentar, por questões financeiras:

Acredito que se caso daqui inté 2 anos, no máximo, talvez porque eu tenho que com daqui 2 anos, talvez... eu sei que eu já, já posso dar entrada agora, mas só que o meu chefe da empresa meu falo, se eu der entrada agora, eu recebo esse salário seco, né? ... Para a gente receber o seco ou o máximo, se eu dou conta de trabalhar mais esses 2 anos, né?

A pesquisadora indagou a participante sobre a questão: “Então a senhora continua trabalhando para ter uma renda maior?” e ela responde:

Isso, pra ter uma renda maior, continuo para isso, ter uma renda maior. E se caso daqui no máximo 2 anos eu tiver firme, firme como eu to ainda, E se eu tiver aqui ou em outro prédio que eu não sei, e se a firma continuar, eu dando conta de trabalhar. Por que não continuar trabalhando até o dia que Deus disser assim: parou, chegou a hora.

Em contraponto ao participante Tiago que devido a sua qualificação educacional e situação financeira, o apresentado pela participante Maria, é que a mesma ainda não se aposentou por questões burocráticas referentes a um aumento no valor da aposentadoria se esperar mais dois anos e caso ela se aposente, e esteja “dando conta de trabalhar”, irá continuar para “ter uma renda maior” (KHOURY, 2010).

“Preparação para a aposentadoria”

A preparação para esse novo momento de vida, a aposentadoria, pode propiciar aos sujeitos maiores chances e oportunidades de realizar planos e desejos, assim como fortalecer ou estabelecer novos vínculos.

Para o participante Pedro, esse é um momento aguardado desde o começo de sua trajetória profissional:

Eu sempre me preocupei com minha aposentadoria desde o primeiro dia que eu comecei a trabalhar com 17 anos de idade, que eu sempre pensei nesse momento, entende? Então eu sempre me preparei para ele, vamos dizer assim, né? Então, durante toda a minha vida, eu construí um patrimônio. É tudo o que fiz, foi sempre voltado, né? Sempre pensando, né? É claro que isso não era o motivo principal, né, do meu trabalho, mas sempre pensando em quando chegar esse momento, eu quero ter paz, tranquilidade, eu não quero ter problema financeiro, eu não quero ter problema de nenhuma natureza, né, se Deus permitir. (...) Então é, é assim, do ponto de vista financeiro, eu sempre fui muito, muito controlado, né? Então sempre tive a minha parcela de consumo, a minha parcela de lazer, a minha parcela de poupança, né? Então, durante toda a minha vida, né? Se eu fosse te contar em detalhes, você ia ver aí você ia perceber o quanto Deus tem parte nisso, né? (...) Ter várias fontes de renda do ponto de vista financeiro, né? Para que possa gerar um sustentam a tranquilidade, né? Uma velhice né... A aposentadoria do INSS, é... Uma pequena fração disso. Não é que eu posso viver dela. Coitado não viveria né? Então é... mas é já é alguma coisa. Ela serve para investir, então tanto que eu nem toco, né, certo? Enquanto eu puder investir, a gente vai investir o máximo possível. Depois a gente consome isso, né?

Pode-se inferir pelo extrato acima, que o participante por intermédio do laço social, ou seja, pela sua situação privilegiada dentro da sociedade, buscou desde o início de sua jornada laboral se adiantar a possíveis situações de desamparo e de vulnerabilidades (BETTS, 2014). “Eu sempre me preocupei com minha aposentadoria desde o primeiro dia que eu comecei a trabalhar com 17 anos de idade (...) Então eu sempre me preparei para ele (...) Então, durante toda a minha vida, eu construí um patrimônio. É tudo o que fiz, foi sempre voltado, né? Sempre pensando, né?”

O participante Tiago esclarece nesse momento que não se aposentará pelo INSS e sim pela previdência privada, a Fundação dos Economiários Federais (FUNCEF):

A FUNCEF, ela está passando por situações complicadas de desvios no governo aí pra trás, aí, não é? Acho que foi no segundo governo PT se não me falha a memória. Muita, muita roubalheira. Não foi só na CAIXA, mas em vários fundos de pensão, né? E então a gente tá, tem tá tendo que aportar alguns recursos, que não era previsto, né? Isso impacta, né? Então hoje, isso tem sido uma pedra no sapato de quem quer aposentar e isso gera uma despesa a mais para quem quer se aposentar, entendeu? Mas assim, aí eu teria aposentadoria do INSS, porque daqui a 1 ano e 10 meses eu saio com 100% do teto, né? Então, vale a pena esperar. Mais o aporte da fundação. Então, em princípio, em tese, eu não perderia salário. A não ser esse, esse rombo que a gente está tendo que pagar, né.

Ao compreender a FUNCEF como sendo o Outro, pode-se relacionar a situação vivida pelo participante a uma situação de mal-estar e vulnerabilidade, visto que o “rombo” nas aposentadorias

da Fundação, se apresenta como um afronte a tranquilidade do participante quanto ao valor que poderá receber ao se aposentar.

O participante João relata ter se preparado financeiramente para esse momento, porém, relata algumas situações que vivencia hoje, que não foram planejadas:

Eu me preparei financeiramente até porque o salário cai, né? E eu e a Mara compramos um apartamento, fizemos reforma, então assim... eu precisei me preparar um pouco. E, mas eu, isso... esse planejamento, eu o fiz de uma forma legal, sabe? Eu só não estou melhor na minha vida porque eu tenho 2 filhos que vieram bem depois. Os 2 últimos são gêmeos, sabe, então eles estão agora começando a vida deles, só que um foi embora para a França. Fazer um curso lá. (...) Aí aconteceu que o governo Bolsonaro cortou a bolsa. Então ele falou, pai, eu só posso ir se você e a mamãe me ajudarem. Então eu me (re)preparei também, então eu continuo fazendo assim, tendo um dispêndio com ele, e aí a gêmea dele também... eu estou ajudando-a ainda, então por isso eu estou mais apertado. Mas assim eu me planejei. Eu cortei um monte de coisa que eu pagava, sabe, parei. Tive que tomar decisões assim. Tinha um clube que eu era sócio dele desde que eu comprei a cota com 20 e poucos anos (...) a gente abre mão de coisas assim. São muitas questões financeiras, eu tive que me preparar e tô assim também, aprendendo a gastar só o necessário e no necessário eu coloco assim, eu tenho uma reserva que eu fiz de muitos anos. Então assim, essa reserva para eu viajar para eu fazer uma pequena reforma na casa para eu trocar de carro. (...) Então, eu me preparei. Eu acho que eu me preparei sem muita neura de ficar preparando, sabe? Eu fui entendendo o meu processo e a hora de eu sair. Eu fui construindo, entendendo e construindo.

Conforme a contribuição de Aranha (2003), João vivenciou um impacto de ordem financeira ao se aposentar: “Eu me preparei financeiramente até porque o salário cai, né?” O recorte também expõe que o participante escolheu mudar alguns hábitos em virtude de uma demanda inesperada com os filhos mais novos: “Eu cortei um monte de itens (...) Tinha um clube em que era sócio há anos, (...) a gente abre mão de coisas (...) tô assim (...) aprendendo a gastar só o necessário”.

Os participantes Tiago e João trouxeram em suas falas a questão de projetos voltados a aposentadoria:

Então na CAIXA a gente tinha lá, né? (...) A gente tinha um que a gente chamava lá, chamava de PPA [programa de preparação para a aposentadoria]. Que chamava oficina futuro, né? Era até na minha área antiga que a gente tinha esse programa, né? Então esse programa era justamente para empregados que estavam com até 2 anos para se aposentar, podiam se inscrever e participar de uma série de cursos, palestras, oficinas, tudo custeado pela empresa, né? Pra já e mostrando para ele o que é a vida pós aposentadoria e dando alguns *insights*, né, do que que ele poderia fazer. Só que esse programa foi extinto. Então hoje eu não participo de [mais] nada. Hoje eu estou construindo meu programa né?! (Tiago).

E a outra coisa foi que a UFMG disponibilizou um curso para quem quiser se aposentar para começar a trabalhar com essas questões. Então a gente trabalhou questões desde as mais lúdicas. É... com psicólogos, com pedagogo e com contadores que colocaram as questões da aposentadoria, com advogado, sabe? Foi, foi um curso muito interessante, muito interativo. Então, essas coisas me ajudaram a botar o pé, um pé para fora e depois eu impulsionei fui (João).

As contribuições dos participantes Tiago e João, vão de encontro com o exposto por Seidl, Conceição e Nery (2018), visto que os Programas de Preparação para a Aposentadoria (PPA), são de grande valia para os sujeitos que estão passando pelo processo de transição para a aposentadoria, pois por meio deles, podem se preparar melhor para esse momento.

A participante Maria, traz uma perspectiva diferente sobre a preparação para a aposentadoria:

A minha preparação.... é eu me preparei, pa pa... Para se aposentar, ainda estou esperando chegar a minha vez, mesmo que eu me aposente... E... para manter a renda, para mim comer enquanto eu “tive” viva né. Porque eu sei que se eu ficar assim... no momento que eu ficar “veia”, acho que ninguém vai querer cuidar de mim, né? Ou eu me ponho no asilo... Então acho que o que eu ganho vai servir “pra mim” me manter [no asilo].

Entendendo que as pulsões de vida e de morte, de acordo com a teoria freudiana, de que as mesmas não se manifestam sozinhas no psiquismo dos sujeitos, na fala da participante Maria pode-se perceber a presença das duas forças. A pulsão de vida pode se relacionar ao fato da participante ter se preparado e ainda estar “esperando chegar” sua vez de se aposentar e a pulsão de morte se relaciona com o trecho: “no momento que eu ficar “veia”, acho que ninguém vai querer cuidar de mim, né? Ou eu me ponho no asilo... Então acho que o que eu ganho vai servir “pra mim” me manter [no asilo]”. Uma vez que a pulsão de vida se coloca ao lado do processo de se planejar e se organizar e, a de morte que se apresenta nas questões de rompimentos e traumas, no caso da participante pode ainda ser entendida com o fato dela querer se “isolar”, como uma hostilização autodirigida. O relato da participante Maria ainda se relaciona com a representação trazida por Zanelli, Silva e Soares (2009), acerca do exílio autoimposto dos elefantes ao ficarem idosos.

“Aposentadoria e a continuidade do trabalho”

A continuidade ou não do trabalho na aposentadoria, assim como os motivos que levaram os sujeitos a essa decisão é de relevância para a temática pois, de acordo com Carlos (1999) esse momento de transição para a aposentadoria pode acarretar em uma perda do papel profissional, porém, em muitas vezes o vínculo que o trabalho possui é mantido por intermédio da identidade laboral, já que os modelos representativos construídos pelos anos de trabalho, não se perdem. Tal modelo identitário se molda como um traço de valor e de integração social, enraizado nas lembranças de um passado de integração a um grupo laboral com uma carga afetiva equivalente. Acerca dessa continuidade, como exposto anteriormente, todos os participantes desta pesquisa expressam essa vontade de continuar exercendo algum tipo de atividade laboral, seja por motivos pessoais ou financeiros.

Pedro expõe acerca de sua vontade de passar adiante seus conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e, conseqüentemente aliviar seus anseios egóicos, se fazendo útil e se sentindo valorizado:

Veja, é assim, com toda humildade, né? Eu pretendo passar esses conhecimentos que a gente tem, que a gente adquiriu para novas gerações, para sucessores, os filhos, para ali, para os gerentes do nosso trabalho, do diretor. Para eles irem absorvendo um pouco, né? E não passarem pelas mesmas dificuldades, né, que eu passei.

João se mostrou animado em continuar realizando trabalhos pontuais para a área acadêmica e de odontologia:

Não, eu desliguei totalmente do que eu fazia, né? É, mas eu fui convidado para algumas coisas [dentro da universidade]. Sabe, então assim é... Eu estou produzindo um livro (...) Então assim, o pessoal está pagando a gente pra fazer isso. Eu já fiz 2 boletins para municípios do interior sobre temas odontológicos, para as equipes e para a população. Isso foi uma experiência muito legal, sabe? Eu produzi esses, eu fiz sozinho. Sentei aqui, estudei, fiz, mandei. (...) Então é isso não pode parar, né?

O participante se coloca em contradição nesse recorte ao explicitar que se “desligou totalmente do que fazia”, porém ainda realiza trabalhos dentro da universidade em que trabalhou. Pode-se observar também, que assim como o participante Pedro, João deseja continuar sendo conhecido pela sua identidade profissional (CARLOS, 1999).

Tiago pretende continuar dentro do mercado de trabalho, porém em outra área de atuação:

Mesmo estando aposentado, e aí eu não vou precisar trabalhar arduamente como eu trabalhei, né? Então vou poder selecionar meu horário, minha jornada e eu quero também na psicologia, me dedicar um pouco ao social, né? Alguma coisa psicologia social, assim... Devolver alguma coisa, não é? Já que eu recebi tanto durante a vida, né? Eu tenho algo piegas assim, mas dá para fazer algum trabalho sem remuneração nem nada.

A mudança na trajetória profissional do participante nesse momento de transição para a aposentadoria, vai de encontro com as possibilidades advindas desse momento expostas por Zanelli, Silva e Soares (2009). Ao verbalizar seu desejo de “Devolver alguma coisa, não é? Já que eu recebi tanto durante a vida, né?”, evidencia que nesse momento o significado do trabalho para ele irá ser direcionado ao coletivo, a sociedade (MARRA, SOUZA, MARQUES E MELO, 2013). Quanto a possibilidade de realizar “algum trabalho sem remuneração nem nada”, exemplifica claramente a questão trazida por Khoury (2010) de que o sujeito que possui condições satisfatórias de se manter, ao regressar ao mundo laboral, não retorna apenas ou só pelas questões financeiras, esse sujeito volta essencialmente para atender privações individuais e coletivas relacionadas ao trabalho.

A participante Maria, ao ser questionada: “A senhora vai continuar trabalhando, porque é para aumentar a renda ou é porque a senhora não dá conta de se ver sem trabalhar?!”, explicou:

Eu acho que é porque... eu acho que eu não sei ficar sem “trabaiar”... não sei, pode ser que eu continue “trabaiando” assim em firma, pode ser que eu procuro outra coisa, cuida de uma criança... cuidando, é... não sei... mas eu quero “trabaiar”, eu quero “se” movimentar até o dia que Deus me levar, mas eu ficar em casa parada. Eu acho que... É, vai ser muito... porque a vida inteira eu “trabaiar”, né, fia? Eu acho que eu não consigo ficar em casa parada.

Ao ser questionada acerca do motivo de continuar trabalhando, a participante em um primeiro momento verbalizou que o motivo pelo qual continuaria, seria por questões financeiras, que inclusive por isso trabalharia até quando aguentasse. Entretanto, nesse momento Maria mostra outro ponto referente a centralidade do trabalho em sua vida, imaginando agora sua rotina sem ele, observa-se na fala da participante, o receio de “ficar em casa parada”. Tal situação é entendida como pertencente ao processo de se aposentar visto que é uma fase de transformações na vida dos indivíduos, porém, outra análise que cabe, é referente a ausência de outros papéis desempenhados pela participante, logo, sem o trabalho, seu círculo social, irá reduzir potencialmente.

“Trabalho e envelhecimento: segurança ou insegurança?”

Neste momento tratar-se-á sobre a relação do exercício do trabalho e as mudanças provenientes do processo de envelhecimento, assim como se essa relação evoca sentimentos como os de segurança/insegurança e certezas/incertezas.

O participante Pedro ponderou sobre a importância do equilíbrio dos papéis durante sua vida profissional para que hoje tenha uma “boa velhice”:

Bom dizer... eu acho que assim a gente... sobre... mesmo num período inicial ali que se trabalhava extremamente, né? Eu acho que eu sempre soube equilibrar isso, né? Com as demais atribuições e atividades que se tem na vida, né? Diferentes papéis, né? Então assim, eu nunca fui exagerado. É um extremo onde prejudica, né, a saúde? Para minha mente, né? Então acho que isso foi bem tranquilo, não me afetou muito, nos termos de qualidade na velhice.

Ao assumir que desempenha “diferentes papéis” em sua vida, pode-se inferir de acordo com Seidl, Conceição e Neri (2018), que essa situação é favorável para que ele realmente alcance uma “boa velhice”, uma vez que sujeitos com variados papéis sociais, tendem a envelhecer de maneira mais saudável e possuir maior autoestima.

Acerca da qualidade de seu trabalho durante o processo de envelhecimento, Tiago traz a seguinte contribuição:

[Não mudou] Nada. Eu trabalho melhor que muitos meninos aí, entendeu? Por exemplo, lá nessa atividade que eu estou, né? Então, é uma atividade de operação, então a gente tem uma meta diária de fazer 12 processos por dia, mas só um processo bem complicado, não é? Então eu tenho feito, aí está a turminha nova lá, que faz 4 ou 5, não consegue fazer os 12. Vai,

porque aí que vem a questão da experiência da vida, né. (...) Só que os caras não se tocam, mas como estou macaco velho, tô nem aí. Passo batido, pronto. Faço o que tenho que fazer e não perco o meu tempo.

A fala do participante, evidencia em um primeiro momento a questão de “não se perceber envelhecendo”, porém, pode-se elaborar também acerca da questão do etarismo. O Etarismo aqui deve ser entendido como um meio de estereotipação sistemática e preconceito contra pessoas pelo simples fato de serem mais velhas. Entretanto, esse preconceito não se limita apenas a pessoas “velhas”, mas sim relaciona-se a quaisquer estereótipos que discriminam pessoas em qualquer idade, logo ao dizer que trabalha “melhor que muitos meninos aí”, pode estar tendo uma fala preconceituosa com os trabalhadores mais jovens e também uma fala estereotipada acerca do seu envelhecimento: “mas como estou macaco velho, tô nem aí. Passo batido, pronto”. Ainda referente a esse trecho, ao dizer que “está macaco velho” ele remete a ideia de temporalidade, uma vez que não se enxerga como “sendo macaco velho”, logo, demarca que ele nem sempre esteve nessa posição. Outro ponto importante que é visto na fala de Tiago é acerca da “experiência de vida”, nesse momento ele usa a questão do etarismo a seu favor, se colocando em uma posição de superioridade frente aqueles que não possuem o mesmo tempo de “experiências de vida” (LOTH E SILVEIRA, 2014).

Sobre a questão do sentimento de segurança ou insegurança, o participante Tiago diz ser um momento de “segurança total”:

Hoje, assim fica muito mais claro do que você quer o que você pode... Seus propósitos. Por exemplo: ano passado, um colega me chamou, pô, cara, volta para cá para ajudar. Eu disse muito obrigado, quero não, e falei, meu caro, tô tranquilo aqui, posso ir e vir de bicicleta pra minha casa quando eu quiser. Eu consegui estabelecer meus limites, né? Muito mais tranquilidade, você tem uma carta de alforria.”

De acordo com o recorte, pode-se inferir que a “segurança total” que o participante sente, talvez não esteja relacionada à confiança no seu desempenho, mas sim a: “Eu consegui estabelecer meus limites, né?”, logo é uma segurança de poder escolher o que fazer, como fazer e quando fazer, característica essa, que está relacionada a esse momento da aposentadoria (ZANELLI, SILVA & SOARES, 2009).

O participante João ao explicar sobre os questionamentos, pontua que esse é um momento onde “não tem como você falar que não tem segurança e incerteza, tem, sim” e explica:

É, tenho medo de parar de trabalhar. O medo de ser esquecido, o medo da vida ficar ruim. Tenho medo do dinheiro que vai diminuir, entende? Então assim, tenho medo de ficar parado em casa, de pijama e sandália havaiana e no fim ficar entrevado dentro de casa, sabe? Então assim... é... não existe como a gente não ter essa insegurança e esse medo é um... de repente, um momento da sua vida que você está mais vulnerável, você vai dar um pulo pra fora de alguma coisa e começar outra. Então, é... Eu seria assim, leviano se eu te falasse que não existe insegurança, que não existe medo, que não existe incerteza. (...) Então, assim eu acho

que... as questões da incerteza, da dúvida, do medo, elas são tão reais. (...) Porque a incerteza a gente tem a vida inteira. Sabe, agora o momento da aposentadoria ele traz mais porque ele quebra a rotina, ele trava, ele desaparece com um monte de coisa, né? E então, isso é um rompimento. E agora, como é aí? É a gente, o travesseiro e as noites intermináveis, né? Então, assim... eu acho que é por aí que a gente vence. Enfrenta a incerteza.

Nesse momento provavelmente encontrou-se no participante João, sua fala mais “vulnerável”. O participante verbaliza acerca de questões referentes ao desamparo que sente frente a aposentadoria e sobre as vulnerabilidades que se apresentam a ele de maneira mais intensa do que em outros momentos: “Porque a incerteza a gente tem a vida inteira. Sabe, agora o momento da aposentadoria ele traz mais porque ele quebra a rotina, ele trava, ele desaparece com um monte de coisa, né?” Sobre as vulnerabilidades, pode-se inferir que elas afrontam o participante pelos três caminhos demarcados por Freud em *Mal-estar na civilização* (2019): o da perecibilidade e da dor do corpo físico: “o medo da vida ficar ruim (...) tenho medo de ficar parado em casa, de pijama e sandália havaiana e no fim ficar entrevado dentro de casa, sabe?”, do mundo exterior e dos poderes da natureza: “tenho medo de parar de trabalhar (...) tenho medo do dinheiro que vai diminuir, entende?” e por último, pelos desafetos e hostilidades instigados pelo convívio com o Outro: “O medo de ser esquecido”.

A participante Maria verbaliza em um primeiro momento que “não via diferença até agora”, entretanto seu relato nos evidencia alguns problemas acarretados pela relação envelhecimento e trabalho:

A única diferença que eu só tenho é uns colegas de trabalho que... é mais do “convivo”... “num” é aquele tipo de... preconceito não, é falar... é, porque assim... A minha dificuldade mais aqui... porque... São duas “muler”. O “trabaio” pra mim pesa mais pra minha idade. Mas eu tenho que segurar firme e forte. Porque a dona [colega de trabalho]... é PCD [pessoa com deficiência], ela não faz o que eu faço, o serviço pesado que eu faço... A máquina, ela não passa, então muita coisa que ela tem que “trabaiar” junto com outras pessoas... O [encarregado] não se movimenta muito, não ajuda “nois muito” em nada. Então sobrou mais pra mim. Sobrecarrega. Passo máquina, tudo aqui sou eu... E agora, assim eu me sinto... Tem dia que eu vejo... Eu me sinto chateada porque, apesar dela ser assim... Só que tem uma semana atrás, ela me chateou porque eu fui pedir ela pra dar “ajudada”, fazer aqui [as coisas que precisam ser feitas], ter controle, varrer a portaria. E ela falou que não, não dava conta [de] fazer não. Aí eu cheguei pra ela, eu falei: se movimenta dona... a senhora ainda dá conta de se movimentar, tá? A senhora ganha o que eu ganho. porque só eu posso fazer força? Aí ela foi, deu as costas e falou: é difícil “trabaiar” com idoso. É isso que ela me respondeu. Eu falei assim para ela: é difícil “trabaiar” com idoso, mas o serviço aqui eu faço mais “de que” a senhora que é nova. A senhora não faz o que eu faço... Porque eu fico assim... Não é porque a gente queira chegar a idade, mas as pessoas têm que respeitar a gente, não é? Mas eu acho que ele me desrespeitou, porque eu nunca cheguei para ela falar aquela que tinha o “pobrema” dela. Eu nunca disse: você não faz isso porque você é isso aí. Não, eu sei que ela é porque ela falou. Mas assim, o serviço que ela faz é porque ela diz: eu não dou conta, e não faz.

Na fala da participante, observou-se dois tipos de preconceitos, o preconceito com a pessoa com deficiência e o etarismo. A participante estereotipa a colega de trabalho ao dizer que ela, por ser PCD, não realiza as mesmas atividades, mesmo estando em cargos iguais e com funções iguais,

atrelando o não fazer da colega não a incapacidade, mas a algo além. Percebe-se que existe um sentimento de angústia por parte da participante com a situação. No que tange a questão do etarismo, observou-se no trecho “Aí ela foi, deu as costas e falou: é difícil “trabaiar” com idoso. É isso que ela me respondeu. Eu falei assim para ela: é difícil “trabaiar” com idoso, mas o serviço aqui eu faço mais “de que” a senhora que é nova”, que aos ataques relacionados a idade acontecem dos dois lados, tanto por uma ser “idosa” tanto pela outra ser “nova” (LOTH & SILVEIRA, 2014).

“Rotinas, planos, sonhos, expectativas e o futuro”

Levando em consideração que os processos de envelhecimento não necessariamente são sinônimos de “fim da vida”, se faz necessário compreender o que os participantes esperam daqui para frente, quais são os planos, desejos, sonhos e expectativas relacionadas a esse momento de vida, assim como possíveis modificações no tempo livre de cada um deles. Cabe aqui lembrar que os participantes Tiago e Maria ainda estão em processo de aposentadoria e os participantes Pedro e João já se encontram aposentados “oficialmente”.

Sobre a temática, o participante Tiago expôs sobre a mudança na rotina após a diminuição da carga de trabalho e também sobre estar desempenhando outros papéis de sua vida, ou seja, está em processo de aperfeiçoamento da sua capacidade de organização do seu tempo e energia com aquilo que de fato faz sentido para ele (ZANELLI, SILVA E SOARES, 2009). Outro ponto levantado pelo participante, vai de encontro com a necessidade de não interromper sua trajetória e sim redirecioná-la (KHOURY, 2010):

Eu comecei. Eu estava fazendo ioga, mas eu tive que parar esse semestre por conta dos estágios que aí o horário bagunçou, né? Então eu comecei a fazer ioga, e estou amando, né? Voltei pra academia, né? (...) Tenho sido mais motorista em casa: pai, leva pra tal lugar? (...) Eu tenho dado mais atenção a mim, tipo assim: Há, pô, vou sair pra tomar um café com os amigos (...) Ah, eu... meu propósito assim [em relação ao futuro], tal como eu construí na minha carreira até então profissional, a minha ideia é construir algo semelhante a uma carreira leve e de sucesso, não de sucesso, de ficar: “Oh, aquele é o cara”. Eu ser o meu sucesso, entendeu meu prazer, né? Minha satisfação íntima da do bem feito, né? Eu vou colocar a palavra dever, mas não no dever da obrigação, né, mas é de você honrar com os seus compromissos, valores, entendeu? Então, por exemplo, futuramente, numa interação com o cliente, assim, num processo terapêutico, é um honrar aquele momento, entendeu? Ser eu, eu mesmo ali, ser uma ponte né, pra aquela pessoa, para que ela possa romper com as dificuldades dela aí, né, entendeu?

A participante Maria trouxe que o trabalho nesse momento de transição traz um sentimento de segurança: “Eu me sinto segura no meu trabalho. Faço meu serviço tranquilo. Independentemente da idade, eu não tenho dificuldade com o trabalho ainda. Graças a Deus”, aqui a participante coloca o sentido da palavra segurança relacionada a sua capacidade de realizar seu ofício. Nesse momento, com a finalidade de obter mais informações, a pesquisadora completou: “Quando a senhora se

aposentar, vai ter tempo livre, e aí a senhora vai querer, sei lá, planejar uma viagem, entrar num grupo de dança, de viver?” Maria explicou:

Mas é assim... eu tenho essa vontade. Eu tenho vontade de... Projetos de outras coisas, né? De curtir, sair, brincar, entrar em grupo de dança... Viver a vida né se eu puder. Eu tenho essa vontade. Eu não desisto não, eu tenho vontade. Eu não vivo mais a minha vida porque apesar de trabalhar aqui, porque a gente sozinha não tem um amigo, tem um assim uma vizinha, né? (...) Eu fico pensando em casa, vez eu chego daqui, mas eu fico pensando final de semana eu quero a noite mas é ruim se sair sozinha sem conhecer [ninguém], é tão ruim você chegar numa lanchonete, numa pista, num negócio de dança assim ouvir uma musiquinha, mas eu adoro. Vez em quando, uma vez na vida no ano arrumar alguém que vai, aí, minha fia, nois toma a cervejinha, fica sentada, dança ou assiste música, ouve a música. Ri, brinca. Aí, não tem coisa melhor. Eu gosto disso. Se eu pudesse, eu fazia direto. Vou tentar fazer mais vezes o que vai fazer bem.

Sobre outros papéis que desempenha na sua vida, Maria resume em: “por enquanto eu sou mesmo em casa, cuidando da filha, da neta e o “trabaio”. Não sou de frequentar “ingreja” direto, mas, mas eu sou católica, né?”. Pelos recortes, consegue-se observar mais uma vez que dada a centralidade do trabalho em sua vida, a participante não conseguiu desenvolver outros papéis, levando a mesma a uma situação de isolamento social. Entretanto, Maria explica que pretende se inserir em novos contextos sociais no futuro, porém a dificuldade e o cansaço da rotina atual de trabalho a deixam desmotivada:

Eu estou tentando, estou querendo entrar na Vila Olímpica, né fazer? Vou ver se eu consigo fazer um ano, fazer alguma coisa lá dentro. Estou querendo fazer fechar minha, botar meu nome lá para ver se tem uma vaga. Estou querendo ter de fazer isso, entrar lá e caminhar. Vez que dá uma preguiça, né preguiça, é porque, você faz aqui, chega [em casa] você tem que fazer tudo, né? Aí então, quando o cansaço, o cansaço bate, porque você passa o dia todinho aqui se movimentando, aí chega em casa, tem que fazer janta, lava-louça, lava roupa. Sábado e domingo assim... sábado já chega em casa 1 hora da tarde, 2. Você vai tentar descansar um pouco, né? Aí domingo é o dia todinho naquela luta. A gente trabalha na rua e dentro de casa.

Como evidenciado por Zanelli, Silva e Soares (2009), pela fala da participante observou-se que a mesma não consegue ter ânimo para ampliar seus vínculos fora do contexto do trabalho. Tal situação, de acordo com os autores, pode se dar a uma dificuldade de gestão de tempo visto que mesmo sobrecarregada por uma rotina de trabalho, o ideal seria que a participante trabalhasse essa questão consigo mesma e reorganizar seu tempo com o que de fato deseja.

Os participantes Pedro e João também expõem sobre a mudança na rotina após a diminuição da carga de trabalho e também sobre o desenvolvimento de novas habilidades. O participante João pontua sobre a necessidade de reorganização do seu tempo (ARANHA, 2003; ZANELLI, SILVA E SOARES, 2009):

Nossa, mudou muito. Hoje eu vou ao escritório à tarde. No período da manhã, eu uso para a minha atividade física. Eu uso para fazer as minhas leituras, agora estou desenvolvendo, fazendo o treinamento no meu curso de francês, né? Quero passar um tempo na França. Estou

procurando coisas novas, ou seja, novos conhecimentos, então o tempo está sendo até pouco. Eu tenho aproveitado bem essa redução de trabalho, né? E dedicado como eu te falei as coisas que eu gosto (...) Quanto ao futuro, tem tanta coisa, né? Porque a primeira ideia é essa, né? Me liberar ainda mais do trabalho, né? E... ter menos compromisso, né, com o trabalho. Viajar mais, andar mais. Rodar em outros países... estou planejando isso... mesmo aqui dentro do Brasil. Passar tempos, né? Nós estamos já planejando, não vender, mas é, ir para um imóvel menor, nosso apartamento é muito grande. Hoje eu estou sentindo isso... para a gente ficar livre, para sair, para viajar, para ter esses compromissos, né? Então, assim, eu imagino que, se Deus permite, a gente ainda tem muita coisa para aproveitar “até”... (Pedro).

Acho que os primeiros momentos eu fiquei assim, meio sem ter o que fazer, mas também gostando de não ter nada pra fazer. Mas ainda muito preso lá. O que é que o povo estava fazendo? Sendo convidado para dar aula, acabando de orientar aluno, etcetera. E agora eu estou descobrindo que eu não quero isso mais para mim. Eu quero organizar minha vida sem o trabalho. Do jeito que ele era, é claro que eu não quero ficar à toa. Né? Então, assim, a aposentadoria está significando uma possibilidade de eu reorganizar a minha vida. O planejamento é uma coisa fundamental. Fundamental. É... fazer o que quer, tendo tempo, exige disciplina. Porque o tempo é pouco para o tanto de coisa que a gente arruma para fazer e o dia passa numa velocidade enorme. Às vezes eu fico arrumando uma coisa lá na piscina. Às vezes eu fico arrumando, lendo um livro. Às vezes eu vou sair para poder fazer uma compra e depois eu faço alguma coisa. Na hora que eu olho meu dia foi embora. Muitas vezes eu estou esquecendo de inserir uma rotina, né? É importante, por exemplo, eu estou numa idade, já que eu preciso cuidar de mim, cuidar da minha saúde. Então assim, eu tenho que arrumar tempo para eu fazer exercício físico, para eu fazer minhas caminhadas. Então, essas coisas eu estou tendo que arrumar, sabe? Assim, tempo pra família, pro meu neto. Sabe, são coisas que eu tô. É que eu tô, né? Eu voltei a tocar violão, sabe? Coisas que me dão prazer. Então, assim, após e. Assim, à medida que eu vou me afastando da temporalmente da minha, do dia, da minha aposentadoria, eu vou descobrindo assim que deu. Sabe, a universidade foi legal. É uma lembrança maravilhosa. Sou grato. Mil coisas que eu sou vem de lá do meu trabalho, mas eu hoje já não quero mais. Já não sinto falta mais do jeito que eu sentia. Eu não gosto de ficar atoa (João).

João deseja ainda alcançar prazer em suas futuras realizações (TOREZAN, AGUIAR, 2011, BENDASSOLI, 2007) e se manter “feliz”. O participante ainda acrescenta mais sentido ao ato de envelhecer (Bitencourt, 2011):

Ó, eu quero fazer muitas coisas que me dão prazer, sabe? (...) É, eu pretendo, o que eu quero é ter bom humor para tocar a minha vida. Sabe, agora eu preciso de ter disciplina e planejamento. (...) Para eu manter um nível de felicidade, eu tenho que conseguir fazer as coisas que eu quero. Então essas coisas não caem, não. Violão não cai aqui no meu colo, não é uma aula de inglês e o inglês aprendido não cai no meu colo, não sabe? Então assim eu pretendo fazer só o que eu quero e pretendo ter se disciplina e planejamento e energia continuar tendo energia para fazer. Essas coisas vêm de fora para dentro, sabe? Porque elas não foram provocadas objetivamente por nós, mas a gente aproveita, é a mesma coisa do luto. Ele vem de onde você não espera. (...) Então assim a gente tem que estar preparado para isso. Nem sempre a gente está preparado. Então o que eu espero é ter energia. Para fazer e chorar lá no travesseiro, as pitangas todas e depois tentar sair do lugar. Isso é que não pode parar, sabe? A vida morna sem ter objetivo? É envelhecimento. Isso eu acho que é envelhecimento.

Em suma, no decorrer da discussão, percebeu-se que os sujeitos que irão se aposentar são trabalhadores favorecidos que tiveram meios de se planejar financeiramente para esse momento, ao ponto que, outros trabalhadores possuirão apenas a renda mínima da Previdência Social. Outros sujeitos possuem o desejo de se aposentar, entretanto, não sabem se conseguirão viver fora da rotina laboral. Poucos experienciaram desde a mocidade atividades recreativas, enquanto muitos não sabem

sequer quais são suas aptidões. Alguns desses sujeitos continuarão a trabalhar mesmo aposentados para aumentar a renda, outros por satisfação pessoal.

6.3 O Processo de Enlutamento

Para se alcançar o objetivo geral do trabalho, de compreender os possíveis processos de enlutamento decorrentes das relações de trabalho em pessoas em vias de se aposentar ou recém aposentadas, nesse momento procurou-se evidenciar pelas falas dos participantes e pela análise da pesquisadora tal situação. A análise foi dividida entre os participantes que já estão aposentados e os que ainda estão neste processo de aposentadoria.

De acordo com Elizabeth Kubler-Ross (1926-2004) o processo do luto, ou como está sendo denominado neste trabalho, o processo de enlutamento, possui cinco fases que segundo a autora, são bem definidas: negação, raiva, negociação/barganha, depressão e aceitação. Mesmo que a autora tenha relacionado sua pesquisa em um primeiro momento apenas à questão do enlutamento proveniente da morte do corpo físico, suas contribuições vão além dessa especificação. Pode-se relacionar esse processo a diversos outros tipos de luto como por exemplo a perda do labor, perda afetiva, de bens materiais, dentre outros, lutos esses que normalmente não são “permitidos” pela sociedade, ou melhor, são os lutos não reconhecidos. Esse tipo de enlutamento é relacionado a perdas não permitidas de serem sentidas perante a sociedade, ou seja, são processos de perdas onde o sujeito não tem permissão de viver publicamente (NETTO, 2015).

Em tempo, cabe ressaltar que nem todos os indivíduos irão percorrer o processo do enlutamento da mesma maneira, na ordem que se apresenta, visto que esse é um processo de ordem subjetiva, dizendo respeito somente aquele que vive o processo. Logo, o sujeito pode ir da fase da negação para a depressão, como da depressão para a raiva e voltar para a anterior. Não é um processo fixo.

A primeira fase consiste na negação do acontecimento, o sujeito não acredita ou pensa que pode ter acontecido algum equívoco. Este estágio pode ser entendido como um mecanismo de defesa de algo inesperado podendo perdurar por minutos ou anos. O sujeito nesse momento tende a ter uma dificuldade em ver a realidade de forma clara (NETTO, 2018).

A respeito da ira que se caracteriza dentro da segunda fase, Netto (2018), ao citar Kubler-Ross e Kessler (2005), expõe que esse não é um sentimento que possui aparente coerência, visto que pode ser direcionado para qualquer outro objeto ou indivíduo que aquele que se encontra enlutado desejar. Por exemplo, a raiva pode ser dirigida a si mesmo, pode ser direcionada a vida ou a algo maior, como Deus.

A terceira fase abrange os sentimentos de Negociação e Barganha. Nesse momento, o sujeito começa a barganhar, a fazer ofertas e juras para que por exemplo, não tenha que se aposentar. Normalmente o sentimento de culpa acompanha o processo de barganha. O sentimento de barganha é de natureza volátil, ou seja, em momento inicial o sujeito barganha para que não se aposente, porém quando o processo de aceitação se aproxima, barganha para que o momento da aposentadoria seja o mais tranquilo e proveitoso possível, sem sofrimento (NETTO, 2018).

A quarta fase é a depressão, entretanto não se deve confundir essa depressão como uma condição patológica. O processo depressivo nessa fase deve ser entendido como uma reação esperada frente a perda do objeto de desejo (NETTO, 2018). O sujeito nesse momento tende a chorar, se isolar, repensar sobre sua trajetória de vida e começa a perceber a falta que esse objeto de desejo - trabalho - fará em sua vida.

A quinta e última fase é a da aceitação. O sujeito começa a aceitar a realidade que se encontra. Cabe pontuar que aceitar não deve significar que “tudo está bem e não terei mais sentimentos ruins”. A aceitação permite que o indivíduo comece a enfrentar sua nova realidade e possa ressignificar sua trajetória de vida e profissional. É um momento de se aprender a viver sem o que se perdeu e se reintegrar, colocar as coisas “de volta no lugar” (NETTO, 2018).

Em relação aos que ainda estão em processo de aposentadoria, como é o caso dos participantes Tiago e Maria, entende-se que esse não é um caso onde o processo de enlutamento já tenha se desenrolado, entretanto, pode-se analisá-lo como um processo anterior ao da aposentadoria efetivamente.

O participante Tiago apresenta ao longo do seu discurso falas que perpassam os processos de negação, barganha, depressão e aceitação. O participante nega esse processo de envelhecimento que é relacionado ao da aposentadoria ao se colocar como superior aos mais jovens de seu trabalho; barganha quando não se vê se aposentando do banco sem ter outra função laboral já em vista; apresenta indícios de um possível processo depressivo ao não querer aposentar sem “ter o que fazer”, porém parece aceitar que é um processo natural que vai ter que percorrer, visto que enxerga como o

fim de um ciclo e início de outro. Não foram identificadas a princípio falas que remetessem até o momento a fase da raiva, uma vez que o participante ainda não vivencia o processo de aposentadoria de maneira ativa.

A participante Maria revela ao longo de suas contribuições que transita entre as fases de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A participante assim como Tiago nega esse processo de envelhecimento ao não se identificar ou se enxergar como pertencente a esse grupo; sente raiva por ser vista como menos capaz por conta da idade; quanto a barganha, parece postergar mesmo que por motivos financeiros, sua aposentadoria, e, também, mesmo quando apostar, se “Deus permitir” irá continuar trabalhando; em relação a fase da depressão, a participante apresenta sinais de que poderá vivenciar esse momento visto que “não sabe ficar parada sem trabalhar”; quanto a aceitação, a participante ainda está no processo de compreender e ressignificar esse novo momento.

Em relação aos que já se encontram aposentados, que é a situação dos participantes Pedro e João, pode-se ter indícios mais marcantes de que vivenciam/vivenciaram as fases do luto. Cabe ressaltar que esses dois participantes foram os que trouxeram algum nível de contribuição discursiva direta acerca do processo de enlutamento.

Pedro demonstra em suas falas que transita entre as fases de negação, barganha, depressão e aceitação. Sobre a “ruptura” decorrente da transição para a aposentadoria, o participante contribui:

Eu acho que eu me preparei também psicologicamente, né, para não ter aquela ruptura, aquela quebra, né? Você usou a palavra que eu achei interessante, né, que você falou em... Em enlutamento, né? Esses enlutamento você traduzir, então, é esse luto eu não quero ter. Eu acho que eu não terei, tá? Por quê? Porque eu acho que na verdade, eu vivo assim os melhores momentos da minha vida, né? E acho que Deus vai permitir que seja assim até o até o final. Então eu me preparei, eu penso assim que eu tenho me preparado todos os aspectos, né? Para ter uma aposentadoria, uma velhice tranquila.

Tendo o recorte acima como referência, assim como as contribuições durante a pesquisa, pode-se inferir que o participante apresenta indicativos da fase de negação quanto a vivenciar a aposentadoria como saída definitiva do mundo do trabalho, uma vez que está em constante processo de barganha para continuar atuante em sua profissão mesmo que de outras maneiras, ao se colocar na posição de “consultor” ou “coordenador”, por exemplo. Quanto à fase da depressão, o participante não aparenta ter vivido a mesma de forma efetiva, visto que os indícios apontam que o mesmo irá vivenciá-la somente se parar de trabalhar, uma vez que acredita que poderá “morrer” nesse caso. Como não pretende parar de trabalhar, o participante aceita o novo momento de vida que a aposentadoria proporciona. No que diz respeito à fase da raiva, pode-se inferir que Pedro não

vivenciou ainda esse momento por alguns motivos: diversidade de papéis que possui, crença em “algo maior” e, o mais provável, por não ter deixado efetivamente o mundo do trabalho.

João movimenta-se entre as cinco fases do processo de enlutamento: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Em um primeiro momento, dentro da fase de negação, o participante nega-se a aceitar o envelhecimento e também nega que tenha vivenciado o luto desse momento uma vez que para ele o único luto que pode ser vivenciado, capaz de gerar sofrimento é o luto decorrente da morte do corpo físico e compara a dor da saída do campo laboral com a dor de “perder um amor”:

Então é isso, assim, agora eu não sou dado a muitos lutos. Não acho que o. A perda do meu irmão, a perda da minha mãe foi muito forte para mim. Essas eu custei para reequilibrar, mas as outras perdas? Elas são... sei lá, igual os amores, não é? De repente, eles podem acabar, e aí? Não foi esse decidiu. E como é que você vai fazer? Então, era a decisão para ser, tá? Você tem que continuar vivendo. Se não, corta os pulsos, né?

Ao que tange a fase da raiva, o participante aparenta dirigir esse sentimento aos colegas que permaneceram trabalhando uma vez que atribui esse acontecimento ao aparecimento de diversos sentimentos melancólicos:

Eu acho que esse passar o bastão, é... também acelerou um pouco a decisão, mas sempre foi uma decisão muito difícil (...) Porque eu morria de medo de perder o meu lugar, o meu trabalho de ficar atoa. Então, assim, tinha um monte de medos do que era desconhecido. (...) É, tenho medo de parar de trabalhar. O medo de ser esquecido, o medo da vida ficar ruim. Tenho medo do dinheiro que vai diminuir, entende? Então assim, tenho medo de ficar parado em casa (...) Ficar entrevado dentro de casa, sabe? Então assim... é... não existe como a gente não ter essa insegurança e esse medo é um, de repente, um momento da sua vida que você está mais vulnerável.

Representando a fase da barganha, pode-se citar o fato de que o participante se desligou da instituição em que trabalhava, porém ainda realiza atividades pontuais para a mesma. Em relação a quarta fase, a da depressão decorrente da aposentadoria, o participante indica ter vivenciado a mesma de forma mais concreta, porém ainda tentando nos mostrar que foi um momento sem tanta importância, ou em suas palavras “sem muito drama”:

(...) agora o momento da aposentadoria ele traz mais porque ele quebra a rotina, ele trava, ele desaparece com um monte de coisa, né? E então, assim... é um rompimento. E agora, como é aí? É a gente, o travesseiro e as noites intermináveis, né? Então assim, eu acho que. É por aí que a gente vence. Enfrenta a incerteza. Ela não é ruim porque ela traz perguntas, ela traz questões para você ter que enfrentar? Sem muito drama, tá?

Quanto à última fase, João aceita ao enxergar esse momento como uma possibilidade de “reorganizar a vida” visto que: “à medida que eu vou me afastando da temporalmente da minha, do dia, da minha aposentadoria, eu vou descobrindo assim que deu. Eu fui entendendo o meu processo e a hora de eu sair. Eu fui construindo, entendendo e construindo.”. Acerca da temática do trabalho, o participante trouxe a seguinte reflexão:

Eu só queria te falar isso é.... eu passei pelo luto, tá? É impossível [não passar], e ele não vem logo de cara, não. Às vezes ele vem mais antes do que depois tá, mas... é... Eu acho que não envelhecer ou retardar ao máximo esse envelhecimento é você falar assim, olha aquela condição, acabou. Essa agora está me incomodando aqui ou ali, está pegando aqui ou ali ou tá bom, entendeu? (...) Dá para ficar lamentando muito tempo não sabe? Aparecem outras coisas. Eu só tenho que ir avaliando se está bom ou não está bom. Sabe?

O participante verbaliza ter vivenciado um processo de enlutamento, entretanto no recorte acima pode-se perceber que mesmo entendendo o momento de transição que viveu como sendo algo gerador de sofrimento, não entende como algo a ser vivido abertamente ou “*por muito tempo*”. Durante suas colocações acerca do luto, o participante mais uma vez compara o luto decorrente da aposentadoria a outros tipos de lutos que aparentemente são mais aceitáveis de serem vividos:

Então assim cada aluno bom que ia embora. Eu vivi um luto. Cada filho meu que saiu de casa e foi embora, e o deixei lá no aeroporto, lá foi naquele avião, embora lá pra Europa sabe assim, essa coisa é impossível você dizer que não vai ter na sua vida, sabe, agora a escolha é sua. Às vezes. Eu também, não vou ser prepotente em falar que é a gente que escolhe, não, sabe. Mas assim, a tentativa, pelo menos de não deixar isso assumir um lugar maior na sua vida, eu acho que passa também por você ter consciência, sim, olha: bola, bola para frente. (...) Então assim... é... a gente tem que estar preparado para isso. Nem sempre a gente está preparado. Então o que eu espero é ter energia. Para fazer e chorar lá no travesseiro, as pitangas todas e depois tentar sair do lugar. Isso é que não pode parar, sabe? A vida morna sem ter objetivo? É envelhecimento. Isso eu acho que é envelhecimento.

Ao verbalizar que deseja “ter energia” para transitar entre “chorar lá no travesseiro, as pitangas todas e depois tentar sair do lugar” o participante nos evidencia estar aparentemente vivendo o processo de uma maneira minimamente saudável.

Em suma, pode-se inferir que todos os participantes vivenciam ou vivenciaram sentimentos geradores de angústias e sofrimentos ou melhor, de desamparo e vulnerabilidades ao se depararem com a questão do envelhecimento e da aposentadoria. Os participantes que estão em processo de aposentadoria vivenciam as fases do luto de uma forma diferente e com intensidade menor quando comparado aos participantes que já se encontram aposentados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa de natureza qualitativa teve como objetivo compreender os possíveis processos de enlutamento decorrentes das relações de trabalho em pessoas em vias de se aposentar ou recém aposentadas. Como fundamentos teóricos, foram utilizados os conceitos de enlutamento, envelhecimento, trabalho e aposentadoria e como referencial teórico e metodológicos da psicanálise, psicodinâmica do trabalho e análise do discurso. Os objetivos específicos estabelecidos foram: compreender como os sujeitos vivenciam seus desejos durante o processo de aposentadoria dentro do laço social; compreender as experiências de prazer e o sofrimento decorrentes das relações de trabalho e mobilizadas no momento da aposentadoria; e apresentar os aspectos envolvidos na constituição dos sentidos e significados do trabalho na aposentadoria.

Este trabalho foi assim produzido por um caminho pouco conhecido pela autora e de certa maneira inquietador, sendo em alguns momentos geradores de sofrimento ao se deparar com questões que a tiraram da zona de conforto. E, também, por se tratar de um tema que inevitavelmente a autora mesma terá que trabalhar internamente, colocando-se em um momento de ressignificação acerca de comportamentos que possui quanto a temática do trabalho e do envelhecimento.

Logo, no decorrer desta produção, por diversas vezes e por diversos motivos a autora se encontrou sem esperanças de chegar até aqui. Entretanto, após superar esses momentos, sentiu-se mais capacitada e apta a ocupar novos espaços em sua jornada profissional.

Os objetivos definidos para a pesquisa foram alcançados, visto que os participantes durante seus relatos evidenciaram questões relacionadas às trajetórias de vida e profissional, momentos que marcaram essas trajetórias, como eles se enxergam ao revisitarem essa trajetória, quais os sentidos e significados atribuem ao trabalho, ao envelhecimento e ao ato de se aposentar, suas dúvidas e questionamentos acerca do processo de aposentadoria, como se prepararam para esse momento, ponderações acerca da continuidade do labor mesmo aposentados, sentimentos que permeiam a relação do trabalho e envelhecimento; quais são suas rotinas, planos, sonhos e expectativas quanto ao futuro, e, contribuíram para a análise da questão do processo de enlutamento.

Os processos de envelhecimento e aposentadoria provocam nos sujeitos sentimentos e questionamentos acerca de como se percebem inseridos dentro do laço social. Ao se estar inserido dentro de uma sociedade capitalista marcada por valores utilitaristas, o afastamento do mercado de trabalho irá refletir no bem estar e na (re) acomodação social de sua população. É sobre esse olhar

que articulação entre trabalho, envelhecimento, aposentadoria e enlutamento expõem um calabouço subjetivo e uma reverberação social que vai além de questões puramente estatísticas. Todas as discussões provenientes desta articulação não devem se ater a teorias generalizantes, uma vez que o sujeito inserido no laço social irá conviver com sua subjetividade única.

Compreender esse sujeito inserido em um contexto histórico-cultural e, no contexto capitalista, onde há exaltação do trabalho, esse se toma como base formadora da identidade dos sujeitos, evidenciando quem é esse sujeito enquanto ser útil à sociedade.

Logo, a aposentadoria por idade ou tempo de trabalho aparece como um marco onde o sujeito pode ou não se afastar do mundo laboral. Perante a sociedade, esse é o único momento plausível que justifique tal afastamento. Entendendo cada sujeito como sendo único, com vivências e experiências singulares, pode-se inferir que a maneira com que a aposentadoria acontece, influencia de maneira direta na identidade do Eu e na estruturação do Ego.

Os sujeitos que se afastam por questões cronológicas podem acabar não saindo do mercado de trabalho devido a questões econômicas, sociais e culturais, levando esses sujeitos a uma possível alteração na maneira que exerciam esse trabalho, como por exemplo a natureza da atividade realizada. Uma outra maneira desses sujeitos se afastarem refere-se aos limites fisiológicos impostos pelo envelhecimento, uma vez que essa condição em algumas situações pode aparecer como um impedimento frente às demandas de trabalho.

Contudo, a relação simbólica que o sujeito possui com o trabalho se faz por intermédio de sua identidade de trabalhador que permanece sendo referência identitária, uma vez que as representações identitárias não se desfazem. Nesse sentido em que o contexto histórico-cultural por intermédio do trabalho preserva os laços subjetivos que não se rompem devido a aposentadoria pode, conforme visto neste trabalho, ser gerador de sofrimento no sujeito que percorre, sem ordem pré-definida ou fixa, as fases do enlutamento.

Os achados apresentados na categoria “Trajetória de Vida e Profissional”, evidenciam nos discursos dos participantes a problemática referente à condição financeira influenciando o modo com que cada um traçou seu percurso de vida e de trabalho, assim como a questão acerca da centralidade do trabalho em suas vidas e a necessidade inserção em outros papéis além do papel de trabalhador. Em relação a categoria “Envelhecimento e Aposentadoria”, ao analisar as contribuições dos participantes na interpretação do envelhecimento e suas associações com os discursos predominantes da sociedade, se direciona o olhar para esses indivíduos e seus discursos únicos, evidenciando as

dores e dissabores, assim como alegrias e ressignificações que cada um perpassou durante sua vida para se fazerem presentes dentro do laço desigual e preconceituoso que se vive, mesmo adentrando esse momento que para muitos signifique se ausentar do convívio com os Outros. No que tange a categoria “Processos de Enlutamento”, pode-se inferir que mesmo o processo de aposentadoria sendo um momento gerador de sofrimento em todos os participantes, cada indivíduo percorre esse processo de maneira única e singular.

Por fim, a pesquisa realizada viabilizou a compreensão acerca dos fenômenos que permeiam os processos de aposentadoria e enlutamento. Os resultados obtidos foram suficientes, mas não definitivos para compreender os processos em questão, entretanto, durante a pesquisa temáticas como o papel da mulher e a religião surgiram e, mesmo que não tenham sido aprofundadas neste momento, devem ser no futuro revisitadas para que a discussão alcance novos rumos. Cabe ressaltar que este estudo mesmo alcançando os objetivos almejados, teve fragilidades como a escolha dos participantes, que poderia ter sido mais direcionada e diversificada quanto a raça, escolaridade e condições financeiras e em relação a elaboração do questionário da entrevista semiestruturada, que enrijeceu em algum nível a discussão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Variações sobre o prazer*. Editora Planeta do Brasil, 2011.

ARANHA, Antônia Vitória S. Relação entre o conhecimento escolar e o conhecimento produzido no trabalho: dilemas da educação do adulto trabalhador. *Trabalho e Educação*, Belo Horizonte, NETE/FaE/UFGM, v. 12, 2003.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. Felicidade e trabalho. **GV-executivo**, v. 6, n. 4, p. 57-61, 2007.

BETTS, Jaime. Desamparo e vulnerabilidade no laço social—a função do psicanalista. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre* (45-46), p. 9-19, 2014.

BITENCOURT, Betina Magalhães et al. Para além do tempo de emprego: o sentido do trabalho no processo de aposentadoria. *Revista de Ciências da Administração*, v. 13, n. 31, p. 30-57, 2011.

BORGES, Cíntia da Silva Lobato; RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. A psicanálise, o trabalho e o laço social. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 4 (2), 19-25.2013.

BOUYER, Gilbert Cardoso. Sofrimento social e do trabalho no contexto da área "saúde mental e trabalho". *Psicologia & Sociedade*, v. 27, p. 106-119, 2015.

BRASIL. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acesso em: 2 abr. 2023.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, p. 13-24, 2013.

CASELLATO, GABRIELA. *O resgate da empatia*. Editora Summus, 2015.

CLOSS, Lisiane Quadrado; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. História de vida e trajetórias profissionais: estudo com executivos brasileiros. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 19, p. 525-543, 2015.

CARLOS, Sérgio Antonio et al. Identidade, aposentadoria e terceira idade. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, v. 1, 1999.

Coronavírus, Saúde. Painel Coronavírus. [online] Coronavírus Brasil, 2022. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em: 5 out. 2022.

COSTA, Sérgio Henrique Barroca. *Sentido do trabalho*. VIEIRA, Fernando de Oliveira. MENDES, Ana Magnólia, e MERLO, Álvaro Crespo, Dicionário crítico de gestão psicodinâmica do trabalho, p. 375-380, 2013.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Penso Editora, 2021.

DALL'AGNESE, Ana Maria, n.d. O que é o LUTO? [Blog] I.Saúde.Med. Disponível em: <<https://isaude.med.br/noticias/o-que-e-o-luto>> Acesso em: 5 out. 2022.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. In: A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 1988. p. 163-163.

_____. *A carga psíquica do trabalho*. Dejours Christophe, Abdoucheli Elisabeth, Jayet C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, p. 21-32, 1994.

_____; ABDOUCHELI, Elisabeth. *Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho*. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, p. 119-145, 1994.

_____. Addendum. In: S. LANCMAN; L. SZNELWAR (orgs.) *Da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho*. Rio de Janeiro/Brasília: 2011. Fiocruz/Paralelo 15. 57-123.

DELHOMME, Patricia; MEYER, Thierry. *La recherche en Psychologie sociale: projets, méthodes et techniques*. 2002.

ENRIQUEZ, Eugène. Interioridade e organizações. *Gestão com pessoas e subjetividade*, p. 173-187, 2001.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do discurso: reflexões introdutórias. *Trilhas Urbanas*, 2005.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Editora Cosac Naify, 2014.

_____. *Além do princípio de prazer*. L&PM Editores, 2016.

_____. Sigmund. *O mal-estar na civilização*. LeBooks Editora, 2019.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

GAULEJAC, Vincent de. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social Aparecida*. SP: Ideias & Letras, 2007.

GERBASE, Jairo. O poder do grande Outro. *Cógitto*, v. 11, p. 26-28, 2010.

GOMES, Dariele. Por dentro do luto: falar sobre a perda um projeto para a vida - Especial - Jornal NH. Jornal NH. 2022. Disponível em:<https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2015/08/especial/207666-serie-por-dentro-do-luto-falar-sobre-a-perda-e-um-projeto-para-a-vida.html> Acesso em 20 out. 2022.

GONDIM, Sonia; BORGES, Livia de Oliveira. Significados e sentidos do trabalho do home-office: desafios para a regulação emocional. *SBPOT*, Temática, v. 5, 2020.

GREGOLIN, Maria Do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *ALFA: Revista de Linguística*, 1995.

KEHL, Maria Rita.. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

KESSLER, Daniel. That Discomfort You're Feeling Is Grief. [online] Harvard Business Review. 2020. Disponível em: <<https://hbr.org/2020/03/that-discomfort-youre-feeling-is-grief?fbclid=IwAR15Krt5K5ft7Z68YGc3UupWufU0vazApv5JZibt0Qk-SZt7fsTxH53kHdA#comment-section>> Acesso em: 6 out 2022.

KHOURY, Hilma Tereza Tôrres et al. Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 13, n. 1, 2010.

LACAN, James. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

LOTH, Guilherme Blauth; SILVEIRA, Nereida. Etarismo nas organizações: um estudo dos estereótipos em trabalhadores envelhecidos. *Revista de Ciências da Administração*, v. 16, n. 39, p. 65-82, 2014.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli. *Textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 248-261, 2005.

MARRA, Adriana Ventola et al. Significado do trabalho e envelhecimento. *Revista Administração em Diálogo*, v. 15, n. 2, p. 103-128, 2013.

MARTINEZ, Maria Carmen. *As relações entre a satisfação com aspectos psicossociais no trabalho e a saúde do trabalhador*. São Paulo, 2002.

MENDES, Ana Magnólia; GHIZONI, Liliam Deisy. Sofrimento como potência política para o trabalho do sujeito vivo. *Trabalho (En) Cena*, v. 1, n. 2, 2016.

MÉSZÁROS, István; CASTANHEIRA, Paulo Cezar. *O século XXI: socialismo ou barbárie?*. Boitempo Editorial, 2003.

NETTO, José Valdecí Grigoletto. As fases do luto de acordo com Elisabeth Kübler-Ross. *Anais Eletrônico IX EPCC–Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar*, n. 9, p. 4-8, 2015.

DE OLIVEIRA, Lucia Barbosa; CELANO, Ana. *Autoconhecimento e trajetória profissional*. Editora FGV, 2021.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983). 2ª edição—Campinas. SP: Pontes, 1997.

SCHEIN, Edgar H. *Individuals and careers*. 1983.

SCHWEITZER, Lucas et al. Bases epistemológicas sobre sentido (s) e significado (s) do trabalho em estudos nacionais. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 16, n. 1, p. 103-116, 2016.

SEIDL, Juliana; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo; DA PENHA NERY, Maria. Aposentadoria e a dificuldade de dizer adeus ao papel profissional. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 26, n. 1, p. 133-139, 2018.

SOUZA, Rosangela Ferreira de; MATIAS, Hernani Aparecido; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p. 2835-2843, 2010.

SZYMANSKI, Heloisa; SZYMANSKI, Luciana. O encontro reflexivo como prática psicoeducativa: Uma perspectiva fenomenológica. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 19, n. 1, 2014.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011.

WILLIG, Carla. EBOOK: *Qualitative Interpretation and Analysis in Psychology*. McGraw-Hill Education (UK), 2012.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Penna. *Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira*. Artmed Editora, 2009.

ANEXOS

Anexo A - TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE
“Enlutamento e Aposentadoria”
Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - CEUB
Pesquisadora responsável: Prof.^a Dr.^a Daniela Borges Lima de Souza
Pesquisadora assistente: Marlize Carvalho Oliveira Gomes

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo feita. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo. O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é compreender os processos de enlutamento decorrentes das relações de trabalho em pessoas em vias de aposentar ou recém aposentadas.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa: pessoa em processo de aposentadoria ou recém aposentado.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste na participação de uma entrevista em profundidade sobre o tema focado na pesquisa.
- Os procedimentos consistem na realização de uma entrevista que será gravado áudio para posterior análise dos achados.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada pela plataforma do Google Meet.

Riscos e benefícios

Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de grupo reflexivo. Medidas preventivas, durante a dinâmica, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo. Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- A participação é voluntária. A pessoa por quem você é responsável não terá nenhum prejuízo se você não quiser que ele(a) participe.

- Ele (a) poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela participação dele (a) neste estudo.

Confidencialidade

- Os dados dele(a) serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados nas gravações ficarão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora assistente Marlize Carvalho Oliveira Gomes com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome dele(a), instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada à privacidade de quem você é responsável.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a participação dele (a) no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em consentir que ele(a) faça parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, _____ de _____ de _____

Participante

Pesquisador Responsável: Daniela Borges Lima de Souza
Celular: (61) 9 8187-6907 – E-mail: daniela.souza@ceub.edu.br

Pesquisadora Assistente: Marlize Carvalho O. Gomes
Celular: (61) 9 8381-6313 – E-mail: marlizegomes05@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição:

Endereço:

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade:

Telefones p/contato:

Endereço do(a) participante (a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Contato de urgência: Sr(a).

Domicílio: (rua, praça, conjunto)

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Anexo B - Roteiro de Entrevista Semiestruturado

I. Dados Pessoais:

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Cor/raça:
5. Escolaridade:
6. Estado Civil ou situação conjugal:
7. Filhos:
8. Com quem mora? ou mora sozinho?
9. Qual a sua renda aproximada em salários mínimos (SM)?

II. Roteiro Semi-Estruturado:

1. Conte-me um pouco sobre sua vida e trajetória profissional
 - a. Como escolheu sua formação/área de atuação?
 - b. O que mais gostava na área e o que mais te motivava?
2. Fale-me sobre suas experiências de trabalho, com quantos anos começou a trabalhar e em que? Conte-me como foi esse percurso?
3. Por quantas empresas você passou durante a trajetória profissional?
4. O que mais te marcou durante sua trajetória profissional?
5. Você poderia trazer em uma palavra/frase, como sintetiza sua vida profissional?
6. O que o trabalho representa/representou para você?
7. Qual o significado da aposentadoria para você?
8. Em que momento surgiu a vontade de se aposentar?
9. Com quantos anos se aposentou/ com quantos anos irá se aposentar?
10. Porque decidiu se aposentar?
11. Exerce alguma atividade trabalhista mesmo estando aposentado/Acredita que continuará exercendo alguma atividade trabalhista após a aposentadoria?
 - a. Porque escolheu continuar?
 - b. Porque escolheu não continuar?
12. Resuma seus planos/sonhos/expectativas/preparação do presente até a chegada do momento da sua aposentadoria.
13. Você se preparou financeiramente para a aposentadoria? Como?
14. Como é a questão do seu tempo livre, depois que se aposentou? Modificou alguma coisa na sua rotina?
15. Qual o significado do envelhecimento para você?

16. Para você, o exercício do trabalho, modifica com a chegada da experiência do ato de envelhecer?
17. A relação envelhecimento e trabalho te remete a uma experiência de segurança ou insegurança? De certezas ou incertezas?
18. O que você espera daqui pra frente?